

INTERPRETAÇÃO DE DESCRIÇÕES
IMAGÉTICAS DA LIBRAS PARA A
LÍNGUA PORTUGUESA

Marcos Luchi
(org.)

INTERPRETAÇÃO DE DESCRIÇÕES
IMAGÉTICAS DA LIBRAS PARA A
LÍNGUA PORTUGUESA

1ª edição

Florianópolis



DIOESC
DIRETORIA DA IMPRENSA OFICIAL
E EDITORA DE SANTA CATARINA
IMPRESA OFICIAL E ARQUIVO PÚBLICO

2017

© 2017, do autor.

Governador do Estado
João Raimundo Colombo

Vice-Governador
Eduardo Pinho Moreira

*Presidente da Fundação Catarinense
de Educação Especial*
Eliton Carlos Verardi Dutra e.c.

Diretor Administrativo
Eliton Carlos Verardi Dutra

Diretor de Ensino, Pesquisa e Extensão
Pedro de Souza

Gerente de Pesquisa e Conhecimentos Aplicados
Waldemar Carlos Pinheiro

Supervisora de Atividades Educacionais Nuclear
Elaine Carmelita Piucco

*Coordenadora do Centro de Capacitação de
Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas
com Surdez – CAS*
Patrícia Amaral

Organização
Marcos Luchi

Elaboração
Marcos Luchi
Marcos Alexandre Marquiotto

Capa
Carolina Amaral Goulart

Revisão
Maria de Lourdes Coelho

Projeto gráfico e diagramação
DIOESC

Elaboração
Marcos Alexandre Marquiotto - Licenciando em letras LIBRAS (UFSC) com proficiência no uso e no ensino da LIBRAS (MEC) – nível médio. Atualmente é professor de LIBRAS no Centro de Capacitação de Profissionais de Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS) atuando em cursos de capacitação e assessorias pelo estado.

Organização e Elaboração
Marcos Luchi - Bacharel em letras LIBRAS pela Universidade Federal de Santa Catarina (2012), paralelamente, vinculado ao curso, foi bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa e Extensão Universitária (FAPEU) exercendo atividades de tradução/interpretação nos mais diversos espaços da Universidade. O trabalho de conclusão de curso teve o seguinte título Uma tradução comentada do artigo: Pedagogia visual/sinal na educação dos surdos de Ana Regina e Souza Campello. Orientado por Flávia Medeiros Álvaro Machado. Mestre em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina (2013). Com o título Interpretação de descrições imagéticas: onde está o léxico? Orientado por Ana Regina e Souza Campello. Assessora a política de educação de surdos do estado de Santa Catarina no que concerne ao intérprete educacional tendo pesquisas e publicações na área.

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na publicação - CIP - Brasil

Diretoria da Imprensa Oficial e Editora de Santa Catarina - DIOESC

I61

Interpretação de descrições imagéticas da libras para a língua portuguesa / Org. Marcos Luchi – Florianópolis: DIOESC, 2017.
127p.: il. color

Inclui bibliografia
ISBN: 978-85-69213-26-0

1. Educação de surdos 2. Língua de sinais 3. Intérpretes de surdos. I. Luchi, Marcos II. Título

CDU 376.33

Agradecimentos

Muitas pessoas foram importantes na minha trajetória acadêmica e em minha vida pessoal, sem elas eu não teria concluído mais esta etapa em minha vida.

Agradeço aos meus professores do curso de letras Libras/UFSC que incitaram o interesse pela pesquisa e aos meus colegas de curso que proporcionaram trocas de conhecimento excepcionais. À minha tutora Flávia Machado, que se tornou uma grande parceira.

Aos tradutores/intérpretes de Libras da Universidade Federal de Santa Catarina, pelo companheirismo nos três anos e meio que atuei como intérprete nesse espaço, momento de suma importância na minha constituição como intérprete de Libras.

À Gizelle Fága, pela tradução da entrevista e Saulo Henrique pela ajuda com o inglês.

À minha orientadora, Ana Regina e Souza Campello. Não há palavras para explicar a admiração que tenho por você, com certeza não é por acaso que seu sinal em algumas regiões desse país quer dizer o mesmo que mãe. Conduziu-me nesta pesquisa como se eu fosse um bebê, me fazendo abrir os olhos, me fazendo ouvir com os olhos. Obrigado de coração.

À Patrícia Amaral e Elenice Soares, pela amizade e pela confiança em nossos trabalhos.

Marcos Luchi

APRESENTAÇÃO.....	9
PREFÁCIO.....	11
CAPÍTULO 1 Introdução.....	15
CAPÍTULO 2 Pesquisas em tradução/interpretação e língua de sinais	17
2.1. MORFOLOGIA	21
2.2. ICONICIDADE	28
2.3. CONFIGURAÇÕES DE MÃOS	33
2.4. DESCRIÇÕES IMAGÉTICAS.....	40
2.4.1. Transferência de Tamanho e de Forma.....	40
2.4.2. Transferência Espacial	42
2.4.3. Transferência de Localização	44
2.4.4. Transferência de Movimento	45
2.4.5. Transferência de Incorporação	48
2.5. TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS.....	49
2.5.1. Tradução ou Interpretação?	52
2.5.2. Tipos de Tradução e Interpretação	55
CAPÍTULO 3 A entrevista	59
CAPÍTULO 4 Caminhos percorridos na pesquisa.....	63
4.1. GRAVAÇÃO DO VÍDEO COM DI.....	64
4.1.1. Estúdio para filmagem	69
4.2. ESCOLHA DOS PARTICIPANTES	71
4.3. PRODUÇÃO DE DESENHOS E PROCEDIMENTOS DAS FILMAGENS..	72
4.3.1. Imagem e sinalização de Transferência de Tamanho e Forma (TTF).....	73
4.3.2. Imagem e sinalização de Transferência Espacial (TE).....	74
4.3.3. Imagem e sinalização de Transferência de Localização (TL)	75
4.3.4. Imagem e sinalização de Transferência de Movimento (TM).....	76
4.3.5. Imagem e sinalização de Transferência de Incorporação (TI)	77
4.4. TRANSCRIÇÃO DAS FILMAGENS	78

CAPÍTULO 5 Analisando as interpretações.....	85
5.1. ANÁLISE DOS DESENHOS	85
5.1.1. Intérprete A.....	86
5.1.1.1. Imagem, sinalização e desenho da transferência de tamanho e forma (TTF)	86
5.1.1.2. Imagem, sinalização e desenho da transferência espacial	89
5.1.1.3. Imagem, sinalização e desenho da transferência de localização	91
5.1.1.4. Imagem, sinalização e desenho da transferência de movimento .	91
5.1.1.5. Imagem, sinalização e desenho da transferência de incorporação	92
5.1.2. Intérprete B	93
5.1.2.1. Imagem, sinalização e desenho da transferência de tamanho e forma.....	93
5.1.2.2. Imagem, sinalização e desenho da transferência espacial	94
5.1.2.3. Imagem, sinalização e desenho da TL.....	95
5.1.2.4. Imagem, sinalização e desenho da transferência de movimento	96
5.1.2.5. Imagem, sinalização e desenho da transferência de incorporação	97
5.1.3. Espelhamento do desenho	98
5.2. ANÁLISE DAS INTERPRETAÇÕES	101
5.2.1. Análise da primeira descrição imagética	102
5.2.2. Análise da segunda descrição imagética	106
5.2.3. Análise da terceira descrição imagética.....	112
5.2.4. Análise da quarta descrição imagética	114
CAPÍTULO 6 Considerações finais.....	119
REFERÊNCIAS	121

Apresentação

Este livro, em partes, resultou da minha pesquisa desenvolvida no mestrado, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, entre 2012 e 2013, sob a orientação da professora doutora Ana Regina e Souza Campello.

Entretanto, se fez necessário acrescentar o primeiro capítulo, em que eu e Marcos Alexandre Marquioto conversamos um pouco sobre a constituição do signo imagético, como uma introdução ao trabalho, tornando a leitura que segue mais clara em relação ao que quero expressar com as descrições imagéticas.

Além do primeiro capítulo, acrescentei uma entrevista realizada com Ana Regina e Souza Campello compondo o capítulo três. Essa entrevista ocorreu em 2008, quando iniciei minha primeira pesquisa em língua de sinais. Lendo a tese da professora, fiquei abismado com a proposta dela de usar o termo descrições imagéticas para o que vem sendo comumente usado para classificadores. A pesquisa da professora e essa entrevista me motivaram a lançar um olhar para esse campo de pesquisa.

A oportunidade de publicar esse trabalho com a Fundação Catarinense de Educação Especial pelo Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez – CAS se dá pelos anos que trabalhei nesta instituição, pela parceria que sempre tivemos em nossos trabalhos de assessorias e orientações aos intérpretes que atuam no espaço escolar.

Dessa forma, acredito na relevância de ressaltar que o objetivo de transformar esse trabalho em livro é para dar mais subsídios teóricos e práticos para os tradutores e intérpretes de Libras/língua portuguesa.

Comecei a aprender Libras aos 18 anos e, após um ano, já estava em sala de aula interpretando, assim orgulhosamente apresento minha constituição como intérprete educacional, atuando em sala de aula,



desde a educação básica até a universitária.

Deixo claro minha constituição, porque sei que muitos intérpretes de Libras estão atuando na educação, sim a maioria, e por muitas vezes, como muitos acreditam, pensei não precisar da teoria para subsidiar minha prática. Quando lancei, com outros colegas, o livro *Intérpretes educacionais de Libras: orientações para a prática profissional* o objetivo era subsidiar os intérpretes educacionais de Santa Catarina quanto ao seu papel em dentro e fora da sala de aula e o retorno que tivemos de muitos intérpretes no estado de Santa Catarina e no Brasil foi muito gratificante. Mantendo o mesmo objetivo, este presente material traz a prática da interpretação de Libras para a língua portuguesa como objeto de estudo para novamente dar subsídios para as atuais e futuras discussões sobre o trabalho do tradutor/intérprete de Libras/língua portuguesa.

Marcos Luchi

Prefácio

É na leitura onde o autor Marcos Luchi deixa encontrar o prazer do conhecimento intelectual. O livro é um baú cheio de palavras, sinais e estas os frutos de reflexões. Variados frutos de refinado sabor preservado para sutis paladares. E a chave para abrir este baú e antes de saborear suas delícias precisa refletir ao alcance do resultado da pesquisa, desenvolvendo-se através do ato e do hábito da releitura visual da tradução e de interpretação. O livro deve explicar a si próprio, conter o seu próprio guia de orientação ou manual ou as referências à sua própria formação, com explicações e justificativas. Cada capítulo exerce o prazer e também é a que estimula o espírito, o sentido a que ela é direcionada, especialmente na formação dos intérpretes de língua de sinais.

Mas para desta riqueza se apropriar, para dela usufruir, faz-se necessário um aprendizado específico, tolerante e consciente, um hábito a ser desenvolvido e cultivado, mantido e exercitado. Para se colher deste tesouro que é a tradução/interpretação, faz-se imperativo saber “ler” os sinais, uma vez que “ler”, assim como os verbos traduzir ou interpretar, não suporta imperativos. E para “ler” não basta traduzir literalmente em sons ou memorizar auditivamente vastos e enciclopédicos conteúdos e sim de fazer entender as dimensões das descrições imagéticas de cada sinais expostos visualmente.

Mas o que intérprete de língua de sinais irá receber um manual de instruções ou cada capítulo do livro para o aprendizado de cada reflexão? Só se aprende a ler lendo, a leitura neste livro não é um hábito que se desenvolva sem exercício e paciência. Nas informações acadêmicas escritas e fotografadas através das figuras estão depositadas ideias e com isso o intérprete de língua de sinais é advertido: elas são fruto de um laborioso trabalho de querer expressar aquilo que se entende ou tenta-se entender. Por um lado pressupõe-se o mestre e



intérprete de língua de sinais, Marcos Luchi, que, como depositário de suas ideias, revela o conteúdo de sua reflexão, os caminhos de seu pensamento, estes que não podem ser isolados do seu contexto social, histórico e cultural da comunidade surda. Por outro lado está o intérprete de língua de sinais, que se esforça à luz de uma realidade e modalidade distinta, por dar expressão ao que é compreendido, por entender o que é dito, por capturar o seu sentido sem distorções, preconceitos ou equívocos grosseiros acerca da tradução/interpretação. E o que se tem como produto da delicada tarefa de interpretar/traduzir os sinais – seja aprovando, seja refutando – e guardá-las na memória visual torna-se propriedade do intérprete de língua de sinais por uma escolha de sua vontade, expressão de sua liberdade, opção de sua individualidade e responsabilidade intransferível. Expressão facial/corporal, posições, direções de olhar, alongamento braçal e das configurações de mãos e interpretação que a leitura provoca nos olhares que se propõem a realizá-la com seriedade e atenção dobrada no ato comunicativo.

Aprender a extrair da leitura seu espírito, e com esta informação aprender a reconstruir ativamente o sentido da tradução/interpretação frente às questões do presente. Sendo assim, esse sentido pode ganhar um valor autêntico e próprio, autônomo e fundamentado, fruto de escolhas refletidas que expõem a condição do indivíduo no tempo e espaço que foi feito para ele e para o qual ele foi feito. Nisto se desenvolve uma consciência individual que nasce da essência do exercício da cidadania para com a sociedade da qual se faz parte e na qual se faz necessária sua participação.

Cada capítulo também contribui na ampliação das potenciais escolhas dos sinais dos intérpretes de língua de sinais. Oferece, através de sua multiplicidade de perspectivas, dessa cornucópia de saberes acumulados, um vasto espectro de opções. E quem tem mais opções pode também desenvolver mais distinções e associações entre as imagens e seus sinais lexicais, mais elos entre diferentes saberes e culturais, pode



enfim adaptar-se melhor uma vez que reflete sobre as possibilidades que antevê, mesmo que nem todas consigam satisfazer suas dúvidas mais prementes ou importantes. É abandonando a postura de vítima e colocando o destino na mão de quem escolhe que se responsabiliza o intérprete de língua de sinais de sua escolha. Uma escolha pode ser feita – ou negligenciada – por medo, mas também pode ser feita consciente, paciente, refletida e prudentemente, ou seja, por amor no exercício da profissão.

É no conteúdo dos livros que encontramos grande parte dos fundamentos dos saberes e conhecimentos humanos, suas experiências cristalizadas. Além de seu valor social, cultural e língua, a linguagem escrita também ganhou valor sobre a descrição imagética dos sinais. O livro do Marcos Luchi é imprescindível ao estudante e formandos da área de tradução/interpretação e dos Estudos de Tradução e não existe estudo sério sem uma leitura atenta e reflexiva. Ler, distintamente dos outros meios visuais, pede à inteligência para lidar com imagens, mas não a impede de construí-las e de, com isto, desenvolver o aprendizado necessário à manifestação da subjetividade do indivíduo diante da realidade na qual se insere e da qual também é constantemente solicitado a participar no ato de tradução/interpretação.

Podemos concluir perguntando se um exercício que fortalece e enriquece culturalmente, estimula a criatividade, ensina a problematização, enriquece a leitura de mundo além de oferecer opções a quem dele constitui reflexão e da escolha dos sinais e léxicos poderiam não se tratar de algo digno? A introdução dos sinais como descrição imagética na memória visual se dá na apropriação deste conhecimento por parte do intérprete de língua de sinais. Este tomado em plena responsabilidade como agente de sua vida, guardião da memória visual e mediador responsável por seus atos, pois quem aprende a “ler” os sinais léxicos também aprende a escolher. E em uma sociedade igualitária este aprendizado da leitura visual com descrição imagética como aces-



so à autonomia intelectual jamais poderia se tratar de um aprendizado a ser negligenciado na formação de cidadãos, mas ser pedra-de-toque na construção da consciência e no exercício da profissão de tradutor/intérprete de língua de sinais.

Profa. Dra. Ana Regina e Souza Campello – INES

CAPÍTULO 1

Introdução

*Marcos Alexandre Marquiotto
Marcos Luchi*

O que difere um nativo de um falante, como segunda língua, de um determinado idioma dentre muitas coisas é sua afinidade e liberdade com que usa sua língua materna. Na língua de sinais isso muitas vezes é confundido com a rapidez da produção dos sinais ou com a ausência total de estruturas de uma língua oral em sua execução. Em parte, isso é verdade, mas há outras questões que devem ser levadas em conta como fatores sociolinguísticos.

Para começarmos a entender um pouco dessa discussão, precisamos entender que a língua de sinais é uma língua natural, vem da interação espontânea de surdos. Assim, como a maioria das línguas, a língua de sinais expressa à forma como os surdos vem o mundo, diferente de como os ouvintes vem, por uma ordem mais sonora, para os surdos a ordem é visual. Sim! As experiências dos surdos são majoritariamente visuais, portanto a forma como a língua se organiza, geralmente é pela ordem de como as coisas visualmente ocorrem em sua volta.

Esse fator, a visualidade na língua de sinais, apenas aponta as questões culturais e indenitárias de quem percebe o mundo, não pelo som ou pela fala, mas sim pelos olhos, e se expressa não pelo canal sonoro-auditivo, mas sim pelas mãos e expressões corporais.



Para muitos tradutores e intérpretes de Libras/língua portuguesa, essas afirmações não se fazem pertinentes por acreditarem que não precisam dos estudos linguísticos para seu trabalho, apenas ter a competência linguística e tradutória os torna aptos para traduzir ou interpretar. É justamente o contrário desta tese que queremos mostrar neste estudo. Saber **a língua** e saber **sobre** a língua são conhecimentos distintos, você pode saber sinalizar uma língua de sinais muito bem, mas quando questionado sobre os componentes morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos não conseguir se expressar.

Assim, já podemos fazer a distinção de que competência linguística é **saber a língua** e **saber sobre a língua** é outra competência que habilita o tradutor/intérprete a discutir o motivo de suas escolhas e principalmente, por estar trabalhando com línguas se faz necessário esse conhecimento.

Dessa forma, passamos agora as discussões linguísticas das línguas de sinais que auxiliaram no embasamento deste trabalho.

CAPÍTULO 2

Pesquisas em tradução/interpretação e língua de sinais

Marcos Luchi

Sempre que tratamos dos estudos linguísticos da língua de sinais deixamos claro que as pesquisas na área são recentes e que necessitam de mais investigações em comparação com outras línguas orais, que tem seus estudos há muito tempo sendo realizados. Começamos apresentando uma pesquisa que foi quase fundacional na área de língua de sinais, os trabalhos de William Stokoe, na década de 60. O referido pesquisador trabalhou como professor e chefe de departamento de inglês da Universidade Gallaudet, onde publicou *Estrutura de língua de sinais*, em 1960. O ponto alto dessa pesquisa foi mostrar a partir de suas observações de pessoas sinalizantes, que a *American Sign Language* (Língua Americana de Sinais – ASL) apresenta uma estrutura gramatical como qualquer outra língua oral. Em sua obra *A dictionary of American Sign Language on linguistic principles*, Stokoe (1976[1960]) discute a organização quirológica, termo usado pelo autor em contraposição ao termo fonologia, da *American Sign Language* (ASL):

The nature of sign language structure is not very different from that of spoken language structure, once account is taken of the vocal-



visual difference. Sign language uses, not sounds, but visible distinct elemental units. Looked at simply as different things to see, the activity of signing can show infinite variety. However, sign language, like other language, puts these many things into classes. Analogous with the phoneme is the sign language chereme (CARE-e em, the first syllable from a Homeric Greek word meaning „handy“). (STOKOE, (1976[1960], p. xxix)

Stokoe (1976[1960]) deixa claro que a diferença entre as línguas de sinais e as línguas orais é o que atualmente chamamos de modalidade. Ele menciona que não há diferença estrutural entre a língua oral e a língua de sinais, ressaltando que apenas são respectivamente orais-auditivas e visuais-espaciais. Neste momento, o autor já trata das questões fonológicas da língua de sinais ao fazer uma analogia com o termo em inglês – *chereme*, que se encontra traduzido para o português ora como *quirema*, ora como *querema*, mas, neste trabalho, utilizaremos o primeiro termo traduzido, por a raiz da palavra estar literalmente relacionada com a *mão*. Interessante que o próprio William C. Stokoe inicialmente usava o termo quirologia para designar o campo de estudo das unidades mínimas da língua de sinais e essas últimas como *quiremas*.

No entanto, Stokoe (1976[1960]) não foi o primeiro a usar a nomenclatura quirologia para tratar dos estudos articulatórios das línguas de sinais. Outros autores utilizaram o termo quirologia para seus estudos da língua de sinais como John Bulwer (1644). Bulwer foi um médico britânico que publicou *Chirologia or the Natural Language of the Hand*, e a partir de sua observação da interação entre surdos acreditou na utilização do alfabeto manual e da língua de sinais para a educação destes.



Figura 1: “Chirologia or the Natural Language of the Hand” John Bulwer (1644)

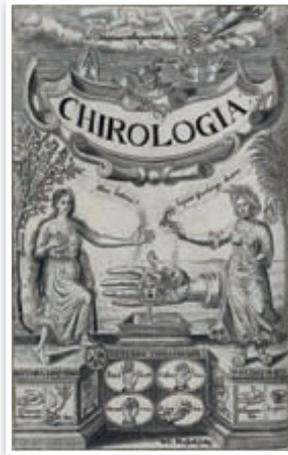


Figura 2: Manual proposto por John Bulwer (1644)





Assim como nas línguas orais, há variação dos fonemas na ASL, isto é, dos quiremas. Stokoe em seu dicionário fez questão de exemplificar os alofones, ou nas palavras dele os *allochers*. Para ele era preciso descrever o maior número possível de sinais para poder estabelecer o que seria um *chereme* frente ao que seriam seus *allochers*.

These units, allochers, may look so different to one unaccustomed to the language that he misses the essential fact that they are the same. For example, the dez chereme symbolized in this dictionary as 'Y' may look like the hand configuration for 'y' in the manual alphabet—that is one allocher. It may have the three middle fingers only loosely curled—that is another allocher 'Y'. It may have the three fingers at right angles with the palm—still another. (STOKOE, 1976[1960], p. xxix)

Em sua pesquisa Stokoe (1976[1960], p. vii) apontou alguns princípios distintivos nas línguas de sinais. O pesquisador descreve os três aspectos que segundo ele, compõem os sinais em ASL: 1) *designator* (dez) – para o que chamamos atualmente de configuração de mão (CM); 2) *tabula* (tab) – se refere ao local onde o sinal é realizado, ou a locação do sinal; e 3) *signation* (sig) – movimento realizado pela(s) mão(s) ao realizar um sinal.

Posteriormente, Stokoe junto com Casterline e Cronenberg produziram um dicionário da ASL que foi publicado em 1965. A partir do trabalho realizado por eles, cada vez mais pesquisadores, tanto nos Estados Unidos como em muitos outros países, passaram a se interessar pelos estudos nas línguas de sinais, o que com certeza contribuiu para que elas fossem vistas com o *status* de línguas naturais.

Klima e Bellugi (1979) com outros pesquisadores lançaram o livro *The signs of Language*, no qual abriram mão da nomenclatura usada por Stokoe e passaram a usar: “(1) *the configuration of the*



hands in making the sign, (2) the location of the sign in relation to the signer's body, and (3) the movement of the hand or hands" (KLIMA & BELLUGI, 1979, p. 40). Outro parâmetro, que é chamado atualmente de "parâmetro secundário", é a orientação de mão, na época chamada pelos autores como um *minor parameter* que foi pesquisado anteriormente por Battison (1974).

Com essas pesquisas quase que fundacionais aos estudos linguísticos das línguas de sinais, iniciou-se um campo vasto e fértil de estudos que se introduziram também no Brasil, na década de 80 (FERREIRA-BRITO, 1986), e sobre a aquisição da língua de sinais brasileira nos anos 90 (KARNOPP, 1994; QUADROS, 1995). Desde então a língua de sinais brasileira tem sido estudada em seus mais diversos níveis: semântico, pragmático, fonológico, fonético e morfológico.

Este trabalho mostra uma pesquisa realizada com intérpretes quanto ao processo de interpretação de descrições imagéticas (DI) da LIBRAS para a língua portuguesa. Mas o que são as DI? Para compreendermos do que estamos falando no próximo item, analisaremos as contribuições da morfologia para analisar as unidades mínimas de significado da língua brasileira de sinais.

2.1. MORFOLOGIA

Em primeira instância, pensou-se que para analisar as configurações de mão, deveríamos nos apropriar da quirologia – em analogia com a fonologia – por ser a ciência que estuda o sistema articulatorio das unidades mínimas de sons de uma língua. Em um segundo momento, optou-se por uma análise semântica, por acreditarmos que as CMs apresentam significados isoladamente e, por estarmos trabalhando com o significado, deveríamos embasar esse trabalho com a semântica. Entretanto é justamente por essa última afirmação que nos utilizaremos dos estudos morfológicos, pela reflexão de que as CMs podem se apresentar em alguns contextos como a base de significado



de alguns sinais. Vamos retomar alguns conceitos da linguística para compreender qual perspectiva está se falando quando escolhemos a morfologia para embasar algumas análises e reflexões neste trabalho. Ambas as ciências, morfologia e fonologia, estudam as unidades mínimas de um sistema, sendo que a morfologia investiga as unidades mínimas da forma das palavras e a fonologia as unidades mínimas dos sons. Assim, já não poderíamos dizer que a morfologia e a fonologia estudam o mesmo objeto já que uma analisa a forma e a outra os sons. Podemos começar a compreender que a morfologia não estuda somente a forma das palavras, mas “a estrutura interna das palavras ou dos sinais, assim como das regras que determinam a formação das palavras. A palavra morfema deriva do grego *morphé*, que significa forma. Os morfemas são as unidades mínimas de significado” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 86).

Para compreendermos a diferença entre essas duas unidades, recorremos a Bloomfield (1933, p. 160), que menciona que as unidades formais de uma língua podem ser livres e presas. Para exemplificar essas formas, vamos pensar em uma situação real, um enunciado em uma loja de telefone: *O que quer reabilitar? Telefone*. Uma forma presa nesse enunciado seria o *re-* em *reabilitar*, ela não poderia aparecer de forma isolada numa resposta de uma pergunta como a que vimos, mas *telefone* pode ser uma unidade livre, como vimos na resposta da pergunta antes mencionada. Assim, compreendendo o que é unidade livre e presa podemos introduzir as unidades dependentes que Câmara Jr. conceitua (2007) como uma forma que não é livre, já que não pode funcionar isoladamente como comunicação suficiente, mas que também não pode ser considerada, pois é vulnerável de duas possibilidades para se distinguir da forma livre a que se vê ligada. Como exemplo, Câmara Jr. (2007, p. 70) fala da unidade *se* em *fala-se* que pode trocar de posição para *se fala*. Ainda introduzimos os morfemas lexicais e gramaticas que, segundo a linguística norte-americana, podemos exemplificar com o verbo *cantar* o morfema lexical seria *cant* e o morfema gramatical *-a-*, *-va*.



Quanto à língua de sinais, podemos fazer algumas reflexões, conforme Costa (2012) nos aponta:

[...] os linguistas argumentam que as configurações de mão em si não têm significado. Na hipótese desta pesquisa, porém, nosso argumento é o de que podemos encontrar diferentes tipos de motivação em cada um dos parâmetros das línguas de sinais e que, na maioria dos casos, essa motivação pode ser identificada. (COSTA, 2012 p. 39)

Costa (2012) traz um novo olhar para a motivação dos parâmetros da língua de sinais e, por sua vez, as configurações de mãos (CMs). Encontramos uma motivação de significado em boa parte das CMs, pela natureza icônica da língua de sinais, entretanto o mesmo nem sempre ocorre com os sons, mas há alguns casos como as onomatopéias e alguns verbos como o “miar”, que percebemos claramente sua motivação no som produzido pelo gato.

Abrimos um parêntese para explicar que não iremos explorar nesta pesquisa os conceitos da semântica cognitiva que trabalha com itens lexicais “abstratos” e “concretos” como vemos alguns pesquisadores como Machado (2012) realizando. Os conceitos concretos que nos referimos neste trabalho são quando uma palavra se refere diretamente a um objeto menos subjetivo no mundo, já que:

[...] conceitos como VIOLÊNCIA, LIBERDADE, AMOR, VIDA, JUSTICA são mais complexos em sua construção e aplicações a contextos de fala, pois são afetados pela natureza de instituições sociais, jurídicas, religiosas, entre outras, as quais variam sobremaneira de cultura para cultura e de subcultura para subcultura em uma mesma comunidade. São considerados conceitos abstratos à medida que implicam mais



operações de abstração, em que crenças e valores introduzem não apenas maior variação, mas também mais negociações de sentido em eventos de fala. (FELTES, 2007 *apud* MACHADO, p. 59, 2012)

No entanto, trabalhamos com conceitos que evocam menos subjetividade, como dissemos, são itens lexicais que se referem diretamente a um objeto no mundo como LIVRO, ÁRVORE, MESA.

As configurações de mãos podem ser pensadas como os radicais das palavras, contendo também pistas de sentido e significado para as derivações e flexões que possam ocorrer com elas a depender dos outros parâmetros que lhes serão afixados (agregados), como o movimento, a locação e a orientação de mão. Para isso, citamos Quadros & Karnopp (2004) que corroboram com essa proposta quando exemplificam o processo de derivação de nomes em verbos na Libras (ou vice-versa) através da mudança de movimento nos sinais:

Quadro 1: Processo de derivação de nomes (QUADROS & KARNOPP 2004, p. 100)

Verbos	Substantivos
Telefonar	Telefone
Sentar	Cadeira
Perfumar	Perfume
Pentear	Pente
Ouvir	Ouvinte
Roubar	Ladrão

Para exemplificar estes verbos e substantivos apresentados acima, segue imagens dos sinais dos dois primeiros verbos em paralelo aos dois primeiros substantivos:



Figura 3: Verbos e substantivos na Libras segundo Quadros & Karnopp (2004, p. 100¹)



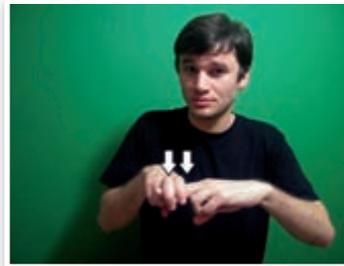
Telefonar



Telefone



Sentar



Cadeira

Nestes casos apresentados pelas autoras podemos perceber que a configuração de mão é a mesma, ou é mantida, quando se forma o nome pelo verbo, havendo apenas uma mudança no parâmetro do movimento, sendo repetido ou duplicado o movimento no segundo caso, quando se tem alguns objetos.

Outra pesquisadora brasileira, a discutir a composição dos sinais foi Nascimento (2009). Ela utilizou como *corpus* de análise alguns sinais presentes no glossário do curso letras Libras, na modalidade a distância, da Universidade Federal de Santa Catarina. Uma de suas análises tinha como foco a composição de sinais a partir da configuração de mão que podemos ver abaixo:

¹ As imagens ilustrativas desta tabela são fotos cedidas gentilmente por Marcos Alexandre Marqueto.



Figura 4: Significado da base: tela de tevê ou monitor de computador

BASE (CM +OP + PA)	PRODUTO – derivações sufixais
- significado da base: Letra/Letras 	Letras sm Licenciatura sm Licenciatura em Letras-Libras sm Bacharelado em tradução e interpretação

Figura 5: Significado da base: letras/letras

BASE (CM +OP + PA)	PRODUTO – derivações sufixais
- significado da base: Letra/Letras 	Letras sm Licenciatura sm Licenciatura em Letras-Libras sm Bacharelado em tradução e interpretação

Figura 6: Significado da base: “texto” impresso ou escrito a mão (NASCIMENTO, 2009, p. 99 e 101)²

BASE (CM +OP + PA)	PRODUTO – derivações sufixais	
- significado da base: “texto” impresso sm ou escrito a mão. 	Lei sm Decreto sm Dicionário sm Conteúdo sm Programa sm Declaração sm Metodologia sm Currículo sm Texto argumentativo sm Projeto sm Estatuto sm Edital sm Gramática da língua sm Gramática- compêndio sm Gramática internalizada sm Regras sm Texto sm Atestado/Documento sm Capítulo Versículo Proposta	Significação sm Escrever sm Redação sm Ler sm Tabela sm Atividade sm Desenho sm Apagar sm RG sm Papel sm Caderno sm Estudar Livro Revista Folhear

² As imagens ilustrativas dessas figuras foram retiradas da tese de Sandra Patrícia de Faria do Nascimento (2009) intitulada *Representações lexicais da língua de sinais brasileira. Uma proposta lexicográfica*, na qual dá os créditos ao colaborador de sua pesquisa Messias Ramos Costa.



A partir das análises destas imagens, em conversa com outros autores, Nascimento (2009) utilizou um conceito muito importante que corrobora com a presente pesquisa, que é o conceito de *base-presa* ou *morfemas-base*, esses seriam as configurações de mãos (CMs) que permitem derivar outros sinais como vimos nos casos das imagens acima. No caso da CMs da terceira figura, compreendemos que a partir dela é possível realizar outros sinais como LEI, DECRETO, DICIONÁRIO. É desse morfema-base que queremos nos apropriar quando mencionamos anteriormente os radicais do PB, como no verbo CANTAR. Continuando a discussão de Nascimento (2009), a mesma menciona que o morfema-base tradicionalmente também é chamado de raiz nas línguas orais, por ser a parte da palavra que traz a informação semântica, o conteúdo (NASCIMENTO, 2009, p. 96).

As questões discutidas por Quadros & Karnopp (2004) e Nascimento (2009), entre outros autores nos permite refletir sobre as informações semânticas contidas nas CMs. Nascimento (2009) mostrou que algumas CMs podem ser formas presas, sendo o parâmetro do movimento, nos exemplos citados pela autora, como uma forma dependente. Percebemos que os estudos linguísticos de morfologia em língua de sinais são realmente recentes e carecem de maiores aprofundamentos descritivos. Em suma, o que se quer e será discutido na análise dos dados deste trabalho é que os intérpretes percebam a iconicidade das CMs, sendo elas unidades mínimas de significado ou não, e a partir dessa percepção, possam aperfeiçoar sua interpretação por encontrar a motivação de alguns sinais.

Nesse sentido, partimos para o próximo item, iconicidade, no qual vamos discutir a natureza da língua de sinais, posteriormente o que são as configurações de mãos e alguns usos recorrentes que algumas apresentam, em virtude de sua iconicidade.



2.2. ICONICIDADE

Atualmente, quando se discute iconicidade nas línguas de sinais fica quase impossível dissociar o conceito de arbitrariedade. Isso se dá por várias implicações, sendo uma delas o *status* linguístico das línguas de sinais. Há a crença de que se um sistema de comunicação possuir mais signos icônicos e menos arbitrários descaracterizaria este como não sendo realmente linguístico, não sendo língua. Alguns autores retomam essa discussão ao dizer que a iconicidade sempre esteve presente em todas as línguas, mas que com o passar dos tempos essa iconicidade ou motivação do signo, se perdeu. Para compreendermos algumas questões referentes ao signo e sua motivação, é preciso retomar os cursos de Saussure, na Universidade de Genebra.

Para Saussure (1916) o objeto de estudo da linguística é o “signo linguístico”, esse é a agregação de um conceito, denominado significado a uma imagem acústica (ou visual no caso das línguas de sinais), chamada de significante.

Figura 7: Significado e significante



Para compreendermos o que Saussure estava querendo dizer em seu curso de linguística geral, podemos entender o significado como sendo a representação mental que temos do objeto e o significante como a representação mental que temos da pronúncia da palavra. A



partir dessa distinção, uma vez que estamos trabalhando com línguas de sinais nesta pesquisa, podemos tentar levantar um paralelo entre o significado e o significante na Libras.

Figura 8: Relação significado e significante na Libras



O significado não é o objeto concreto em si, mas sim a representação mental que constituímos do objeto. Assim também, o significante desse signo não é a articulação do sinal, mas a representação mental que os sinalizadores têm da imagem desse sinal, que os permite reconhecer o signo “mesa” quando é sinalizado e reproduzi-lo, o que nos leva a concluir que ambas as partes do signo são abstratas por se encontrarem no plano da representação mental. Podemos vislumbrar assim o “signo linguístico” da seguinte forma:

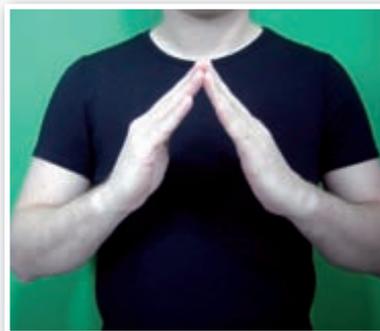


Figura 9: Representação mental da relação significado e significante na Libras



Peirce (2010, p. 64) menciona que “um signo pode ser icônico, isto é, pode representar seu objeto principalmente através de sua similaridade, não importa qual seja seu modo de ser”. Na língua de sinais, por sua modalidade espaço-visual, fica fácil de perceber quando um sinal é icônico ou não. Um exemplo simplista e muito recorrente é o sinal de “casa” em Libras:

Figura 10: Sinal de casa em Libras





Vendo este sinal podemos recorrer nosso pensamento facilmente para o telhado de uma casa. Essa semelhança do sinal com uma parte do referente, neste caso o telhado de uma casa, é o que chamamos de iconicidade nas línguas de sinais. Faulstich (2007, p. 153), afirma que:

Um ícone, do grego eikón (imagem, representação), é um signo que está numa relação de semelhança, similaridade ou analogia com o objeto designado. Desde o princípio resulta, portanto, uma relação de motivação entre um ícone e o respectivo referente. Dito de um outro modo, um ícone é um signo que é determinado pelo seu objeto dinâmico, em virtude da sua própria natureza interna. No desempenho da função, um signo está dirigido a alguém e cria na mente dessa pessoa um signo equivalente, ou talvez um signo ainda mais desenvolvido. Este signo criado é o que se chama de “interpretante” do primeiro signo.

Fica claro na fala de Faulstich que a relação entre o referente e o signo linguístico icônico está em sua similaridade com o objeto a que se refere. Ferreira (2010, p. 103) ao falar da transparência dos sinais na Libras, ou da iconicidade, menciona que a perda da iconicidade ou a “estratificação” dos sinais ocorre quando se referem a elementos mais abstratos que inferem cognição, percepção, emoção e entre outros, sendo esses sinais arbitrários. A natureza espaço-visual da Libras carrega em si a experiência de seus sinalizadores, pois é necessária a familiaridade com o objeto como Faulstich (2007, p. 153) ainda nos menciona:

O signo icônico solicita que o falante de uma língua tenha familiaridade com o objeto, pois só assim poderá compor, em sua mente, as relações signícas, enquanto signo linguístico, imotivado, não exige do falante familiaridade com o objeto, porque entende que o discurso da definição é claro o bastante para dizer o que a “coisa é”.



Quando mostram a diferença entre sinais icônicos e arbitrários, Strobel e Fernandes, (1998, p. 7) pontuam que sinais icônicos na Libras são:

[...] gestos que fazem alusão à imagem do seu significado. [...] Isso não significa que os sinais icônicos são iguais em todas as línguas. Cada sociedade capta facetas diferentes do mesmo referente, representadas através de seus próprios sinais, convencionalmente [...]. (STROBEL & FERNANDES, 1998, p. 7)

E os sinais arbitrários:

[...] são aqueles que não mantêm nenhuma semelhança com o dado da realidade que representam. Uma das propriedades básicas de uma língua é a arbitrariedade existente entre significante e referente. Durante muito tempo afirmou-se que as línguas de sinais não eram línguas por serem icônicas, não representando, portanto, conceitos abstratos. Isto não é verdade, pois em língua de sinais tais conceitos também podem ser representados, em toda sua complexidade. (STROBEL & FERNANDES, 1998, p. 7)

Klima & Bellugi (1976), por meio de testes experimentais, analisaram a iconicidade e a arbitrariedade na língua americana de sinais (ASL). Essas autoras mostraram que a perda da iconicidade da ASL tenha ocorrido com o tempo dando lugar progressivamente ao que se chama de arbitrariedade, isto é, a ausência ou a não percepção imediata da motivação do signo³.

³ Não trabalharemos com os sinais arbitrários nesta dissertação, somente com os sinais icônicos por acreditarmos que os significados das CMs encontram-se em sua iconicidade e vice e versa, mas não descartamos a possibilidade de sinais arbitrários ou de sinais



2.3. CONFIGURAÇÕES DE MÃOS

Conforme explanamos anteriormente, podemos conceituar neste trabalho as configurações de mãos (CMs) como sendo unidades mínimas de significado, assim como temos no português brasileiro (PB) os radicais (raízes) das palavras, temos na Língua Brasileira de Sinais (Libras), os morfemas-bases (NASCIMENTO, 2009) que agregados com outros parâmetros acrescentam significados ou se apresentaram em outra classe gramatical como vimos em alguns estudos (QUADROS & KARNOPP, 2004).

Apresentamos as CMs como subitem do tópico que trata da iconicidade por acreditarmos que ela se dê na língua de sinais em detrimento da forma que as mãos exercem durante a sinalização, ao se referirem a determinados signos mais transparentes⁴, isto é, as CMs que apresentam essa essência icônica quando combinados com outros parâmetros da língua de sinais podem apresentar de antemão um significado motivado⁵.

De acordo com Ferreira (2010), há na Libras léxicos nativos e empréstimos lexicais. O último a autora classifica ainda em cinco itens que apontaremos apenas os três de relevância para esta pesquisa:

Empréstimos lexicais de soletração manual completa das palavras em português como os sinais N-U-N-C-A e A-Z-U-L⁶;

abstratos terem uma motivação icônica, apenas não será objeto de estudo nessa pesquisa.

⁴ Ferreira (2010, p. 103) em sua publicação *Por uma gramática de língua de sinais* apresenta o termo *transparência* em similaridade com iconicidade e em contraposição à *estratificação* dos sinais.

⁵ Neste estudo podemos separar as CMs em duas categorias, as que representam ortograficamente as letras do alfabeto em português e outras que não representam, isto é, CMs provenientes do léxico nativo da Libras.

⁶ Com o tempo, em algumas regiões, essas soletrações foram incluídas na Libras como léxicos e sofreram algumas alterações de aglutinação ou subtração de algumas CMs que correspondem às letras do alfabeto em português. Por exemplo, A-Z-U-L não é mais soletrado na íntegra, foram subtraídas as CMs das letras 'Z' e 'U' sendo soletradas na reali-



Empréstimos lexicais de inicialização que segundo a autora é a *utilização de uma CM que corresponde, no alfabeto manual, à primeira letra da palavra equivalente em português;*

Empréstimos de itens lexicais de outras línguas de sinais, isto é, sinais de outras línguas de sinais que foram agregadas ao léxico da LSB, a autora cita os sinais das cores VERMELHO e LARANJA como possíveis empréstimos da Língua de Sinais Americana (ASL) ou da Língua de Sinais Francesa (LSF). (FERREIRA, 2010, p. 22-24)

A pesquisadora supracitada afirma que os empréstimos linguísticos citados não são termos nativos da Libras. Entretanto, há casos em que uma CM coincide em ser utilizada por representar uma letra do alfabeto em PB e em outros sinais a mesma CM é usada sem haver relação alguma com a letra em PB, podendo ser considerado um léxico nativo. Por exemplo, um sinal encontrado na Libras que usa a CM em “C”, em algumas regiões do Brasil (Sul) é o sinal de COMPORTAMENTO:

Figura 11: Sinal de COMPORTAMENTO na Libras⁷



No entanto, com a mesma CM apresentada acima podemos fazer o sinal de copo em Libras, que se refere especificamente ao formato de um copo, sem referência a letra “C” de inicialização da palavra do português brasileiro, como podemos ver:

zação do sinal apenas as letras ‘A’ e ‘L’.

⁷As imagens ilustrativas das figuras 8 e 9 foram cedidas por Marcos Alexandre Marquiotto.



Figura 12: Sinal de COPO em Libras



Assim sendo, há na língua de sinais alguns itens lexicais que se utilizam da CM como empréstimos linguísticos por apresentarem em sua inicialização uma letra do alfabeto em português, isto é, a CM do sinal é correspondente à letra com a qual inicia a palavra em português.

Agora que conceituamos configuração na mão na Libras em CMs de léxicos nativos e CMs de empréstimos linguísticos, podemos ver o levantamento de CMs existentes na Libras. Segundo Pimenta (2006):

Figura 13: Configurações de mãos em Libras⁸



⁸ Fonte: http://www.lsbvideo.com.br/product_info.php?products_id=296



Nesta lista de configurações de mãos encontramos as CMs de empréstimos linguísticos, ou alfabeto manual como comumente são conhecidas, que se apresentam da seguinte forma:

Figura 14: CMs de empréstimos linguísticos ou alfabeto manual

								
A	B	C	D	E	F	G	H	I
								
J	K	L	M	N	O	P	Q	R
								
	S	T	U	V	X	W	Y	

Estas configurações de mãos não serão analisadas neste trabalho, apenas quando elas se referirem também à CM de léxico nativo como é o caso da CM em letra “C”, conforme mencionamos anteriormente. Agora partiremos para a análise que autores fizeram de algumas CMs em relação ao seu significado como mencionado por Costa (2012).

Ferreira (2010) apresentou o sentido recorrente que algumas CMs apresentam. Por exemplo, a CM nº 4 da lista de Pimenta (2006), segundo a autora essa CM se refere à:



Quadro 2: CM n° 4 e sentido recorrente

CM n°4	Sentido recorrente na CM
	<p>- pessoas gordas; objetos altos e largos de forma irregular (bomba de gasolina, lata de óleo, gancho de telefone, bule de café ou chá, sapato de salto alto, jarra, veículo aéreo, submarino, ferro de passar roupa, chifre de touro ou vaca); roupas, comidas e outros objetos da casa variados, bonitos e bons.</p>

A configuração de mão n° 56 da lista de Pimenta (2006), segundo Ferreira (2010) é utilizada mais para superfícies planas, lisas ou onduladas e faz referência à:

Quadro 3: CM n° 56 e sentido recorrente

CM n° 56	Sentido recorrente na CM
	<p>- porta, parede, borda de estrada, rua, mesa, ponto de referência ou qualquer superfície em relação à qual se pode localizar um objeto (em cima, embaixo, à direita, à esquerda).</p>

Já a configuração de mão n° 14 da lista de Pimenta (2006), segundo Ferreira (2010) é utilizada com mais frequência para descrever, localizar e representar objetos quanto à sua forma e tamanho:



Quadro 4: CM n° 14 e sentido recorrente

CM n° 14	Sentido recorrente na CM
	<ul style="list-style-type: none">- descrever com a extremidade do indicador, com as duas mãos, objetos ou locais (quadrados, redondos, retangulares etc.), fios ou tiras (descrição de uma alça de bolsa);- localiza com a ponta do indicador cidades, locais e outros referentes (buraco pequeno);- o indicador representa objetos longos e finos (pessoa, poste, espeto, prego, rabo de animais).

Da lista de Pimenta (2006), a configuração de mão n° 45, segundo Ferreira (2010) é mais utilizada em sinais icônicos como ESCOLHER e CAFÉ. É descritiva tanto quanto à forma e ao tamanho dos objetos, quanto à maneira de segurá-los:

Quadro 5: CM n° 45 e sentido recorrente

CM n° 45	Sentido recorrente na CM
	<p>Com apenas a mão direita:</p> <ul style="list-style-type: none">- objetos cilíndricos, planos e pequenos (botões, moeda, medalha, buraco de fechadura, pingo ou gota de água);- maneira de segurar objetos pequenos e finos (botões, moedas, palitos de fósforo, asa da xícara de café, folha de papel). <p>Com as duas mãos:</p> <ul style="list-style-type: none">- objetos cilíndricos longos (cano fino, suporte de estante e cadeira de ferro ou metal).



Costa (2012), em sua dissertação de mestrado, pesquisou as questões icônicas referentes aos sinais produzidos pela CM n° 40 em suas composições (denominada de CM em pinça por Costa) e chegou à seguinte conclusão:

[...] a configuração de mão em pinça possui significado devido à utilização dos gestos, favorecendo a dupla articulação da linguagem. [...] as pesquisas com línguas de sinais tem demonstrado que o princípio de arbitrariedade não contradiz o princípio da motivação. A arbitrariedade não é ausência de motivação, mas sim a impossibilidade de se recuperar a motivação de um dado signo linguístico. A iconicidade encontra-se presente nas línguas de sinais, mais do que nas línguas faladas, e isso deve-se à característica visual das línguas de sinais, que possibilitam explorar mais ricamente essa iconicidade. (COSTA, 2012, p. 93)

Para corroborar com Costa (2012), trazemos Aronoff *et al.* (2003) que após fazer uma análise morfológica de duas línguas de sinais concluíram que:

[...] the users of any sign language never lose touch with the system's iconic roots, and are consequently able to return to these roots for conversational eloquence or performative effect.⁹

Podemos fechar este item com algumas considerações em relação às pesquisas apresentadas. Algumas configurações de mãos que não são de empréstimos linguísticos, mas podem ser consideradas icônicas como vimos nos exemplos levantados por Ferreira (2010), mesmo que

⁹ [...] os usuários de qualquer língua de sinais nunca perdem o contato com as raízes icônicas do sistema, e são, conseqüentemente, capazes de retornar a essas raízes para a eloqüência da conversação ou para efeito performativo. (tradução nossa)



esta iconicidade não seja tão transparente hoje quanto era na origem do sinal.

Ao apresentar alguns sentidos recorrentes de algumas CMs estamos chegando ao ponto em questão deste trabalho que é reconhecer que as CMs podem apresentar significado isolado e que poderá ser uma excelente ferramenta para as interpretações simultâneas de DI para o português brasileiro.

2.4. DESCRIÇÕES IMAGÉTICAS

Nas línguas de sinais há duas formas de produção de significado, uma pelas estruturas altamente icônicas (EAI) e outra pelo léxico padrão e apontamentos manuais, sendo a segunda algo mais semelhante ao que temos nas línguas orais (PIZZUTO *et al.* 2006). Cuxac (1996) trabalhou três tipos de transferências: transferências de forma e tamanho, transferências de situação e transferências de pessoa.

Com base em Cuxac (1996), Campello (2008) propõe em sua tese que as EAI sejam chamadas de descrições imagéticas, também compostas por transferências. Com base nesse estudo, posteriormente, Campello (2008) reformula as três transferências apresentadas por Cuxac e acrescenta mais duas, totalizando cinco transferências: 1) transferência de tamanho e de forma (TTF); 2) transferência espacial (TE); 3) transferência de localização (TL); 4) transferência de movimento (TM) e 5) transferência de incorporação (TI). Abaixo será explorado conceito de cada transferência, com exemplos da tese de Campello (2008).

2.4.1. Transferência de Tamanho e de Forma

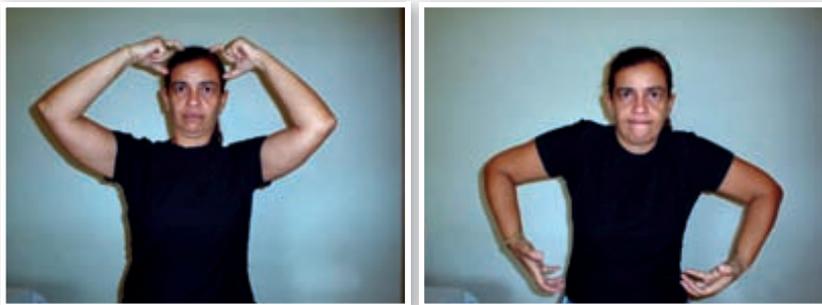
Como o próprio nome diz, esta transferência se aplica ao tamanho e à forma dos referentes. Segundo Campello (2008):



[...] dentro da especificidade da estrutura icônica, a transferência de tamanho serve para representar o signo visual independentemente do tamanho que seja for, que pode ser grande, pequeno, miúdo, colosso, maior, avantajado, vasto, corpulento, alto, de longa extensão, comprido, longo, excessivo, agudo, forte, intenso, violento (dependendo do envolvimento sentimental), poderoso, importante, notável, de qualidade superior, marcante, pouco extenso, pouco volume, estatura abaixo da média, valor inapreciável, acanhado, mesquinho, insignificante, humildade, sentimento de inferioridade, medo, menor, [...] pequeno, etc. e as formas podem ser configuradas de acordo com as características físicas, dos seres e das coisas como decorrência da estruturação de suas partes [...]. (CAMPELLO, 2008, p. 213)

O exemplo abaixo permite visualizar a realização de um sinal seguido de uma DI de transferência de tamanho e forma.

Figura 15: Sinal de urso seguido de uma DI de TTF





As imagens mostram que após a realização do sinal, uma DI de TTF de um urso é realizada. Claro que a imagem, por se tratar de uma foto, não nos permite visualizar todas as facetas possíveis dessa descrição, mas o tamanho do urso pode ser representado pela mesma configuração de mão em contorno a todo o corpo do animal. A forma também pode ser especificada pela descrição e em muitas vezes mostrando a espécie ou subespécie do animal, podendo ser um urso panda, urso polar, urso pardo e assim por diante.

2.4.2. Transferência Espacial

Podemos considerar a transferência espacial (TE) uma das mais complexas transferências, por ser nessa que o sinalizador transfere todos os elementos constitutivos de um determinado espaço, seja ele micro ou macro como veremos nos exemplos. Para Campello (2008, p. 214), todas as características da estrutura icônica são transportadas para o espaço de onde é inserida e destaca que o espaço é influenciado pela

[...]localização, profundidade espacial (tanto para baixo ou para cima), tamanho (no sentido da intensidade), isolamento, dos diferentes ângulos, com movimentos ou sem movimentos circulares, que pode ser com reto, em curvas, em curvilíneos, de quadrado, de retangulares, de triangulares, diferença de status e interesse intrínseco. (CAMPELLO, 2008, p. 214)

O exemplo abaixo ilustra uma transferência espacial.



Figura 16: DI do sistema solar (CAMPELLO, 2008, p. 169)



Como veremos no decorrer da coleta dos dados, principalmente na parte em que os sujeitos participantes dessa pesquisa produziram desenhos, “o fator profundidade espacial também pode ser observada em signo dimensional, bidimensional e tridimensional”. Nesta transferência, não se pode analisar como se houvesse apenas um item lexical presente, “mas se ele está relacionado como signo que rodeia por outras coisas”. Esse tem um traço espacial maior porque demonstra o único signo dentro de uma localização vazia ou neutra (CAMPELLO, 2008, p. 214).

Por se tratar de uma TE pensamos automaticamente na utilização do espaço pelo sinalizador que de fato é importante nessa transferência, mas Campello (2008, p. 214) nos mostra a riqueza da construção espacial que “prende mais atenção do observador devido a sua complexidade dos signos e outras peculiaridades como os brilhos, os adornos, e outros”.

Nesta transferência podemos visualizar nas quatro imagens o centro do sistema solar, o sol, com os demais astros a sua volta. Além da



própria complexidade encontrada nesse signo, outros elementos podem ser agregados a ele com o uso de referentes no espaço indicando os planetas, satélites, estrelas e outros astros.

2.4.3. Transferência de Localização

Diga-se de passagem, que esta transferência precisa ser ainda mais exata, uma vez que, caso não sejam bem direcionados os referentes no espaço, informações de locais poderão ficar comprometidas. Indicar um local para alguém como a quantas quadras fica o banco ou o restaurante, a informação poderá ser mal entendida quando a transferência de localização não é bem aplicada. Esses exemplos são simples diante das complexidades possíveis de serem realizadas com essa descrição, para compreendermos um pouco mais da transferência de localização (TL) recorreremos novamente a Campello (2008):

O que influencia da localização é a gravidade, direção que vai para frente, para atrás, do lado direito, do lado esquerdo, da alternância, de puxar, de soltar. Os signos visuais se designam aquilo tudo se reflete na imagem o que se vê e que alguns objetos podem ser utilizados como transferência espacial. No nosso mundo, o que atrai os signos visuais para baixo e para cima é a força gravitacional, que na visualização, todo o signo que cai ou o signo que está no fundo ou o signo que está subindo ou o signo está lá em cima ou o signo que está em outros lados. O peso visual também se manifesta em outras direções com os movimentos para baixo ou para cima ou de outras direções como em dois lados.

A localização é um dos pontos mais importantes nesta transferência, é a forma como podemos explicar um signo em relação a outros, quer seja, para cima ou para baixo ou de grande velocidade ou de



pequena velocidade. Campello (2008) mostra também a importância da direção do olhar para fazer marcações no espaço de sinalização, indicando a localização de alguns elementos discursivos na construção imagética, uma vez que os olhos são uma das particularidades mais importantes na sua direcionalidade para com o signo. Segundo Campello (2008, p. 214) “os olhos do observador se manifestam diante da situação ou do acontecimento ou da percepção visual que norteia em sua volta, [...] ou as CMs que podem simular como os olhos visuais”. Assim, durante uma transferência de localização, além do próprio corpo, os olhos também podem fazer retomadas dos referentes estabelecidos no espaço. É possível observar nas imagens abaixo como acontece a transferência de localização:

Figura 17: Exemplo de TL (CAMPELLO, 2008, p. 172)



Neste exemplo, vemos a DI da localização de casas no espaço de sinalização. Essa forma de descrição é acompanhada posteriormente de uma realização do percurso do local que o referente está para o local que deverá chegar. Por exemplo, ao indicar o local da casa, em seguida o sinalizador diz qual casa que ele se refere, ou mostra pela sinalização o percurso de uma determinada casa a outra ou de uma quadra a outra ou até de uma árvore a outra.

2.4.4. Transferência de Movimento

Na transferência de movimento (TM), Campello (2008) vai além do concreto para conceituá-la, partindo para algumas questões ideológicas presentes em alguns sinais como o de rico e pobre. Para a pesquisadora:



Esta transferência de movimento serve para conseguir o equilíbrio visual e pode-se usar várias maneiras de modo igual ou diferentes, como: uma imagem simples ou de uma imagem complexa (inúmeros signos que cobrem um campo inteiro), como duas imagens: simples e complexa. As características de Alto e Baixo mostram as desigualdades de signos e sempre mostram a dualidade ou diferença ou oposto. É comum a associação dos signos visuais com sua concepção de desigualdade, o que passa a diferenciar seus contextos visuais. O contexto de rico / pobre, acadêmico / não-acadêmico, e muitos signos, passam a ter suas distinções visualmente [...] (CAMPELLO, 2008, p. 215)

Nos dois sinais apresentados abaixo, Campello (2008) faz um paralelo ideológico do movimento presente nesses sinais, sendo o sinal de POBRE realizado mais abaixo enquanto o sinal de RICO é realizado num movimento de baixo para cima, representando algum tipo de ascensão social.

Figura 18: Sinal de POBRE (CAMPELLO, 2008, p. 177)





Figura 19: Sinal de RICO (CAMPELLO, 2008, p. 177)



Nestes outros exemplos abaixo, podemos ver alguns elementos mais concretos nas descrições dos movimentos:

Figura 20: TM da tromba de um elefante (CAMPELLO, 2008, p. 176)



Figura 21: TM das pernas de uma aranha (CAMPELLO, 2008, p. 176)





2.4.5. Transferência de Incorporação

A transferência de incorporação (TI) pode conter todas as demais transferências em si. A diferença dela para as demais é que o sinalizador se torna o referente, atribuindo a si mesmo, tamanho, forma, espaço, movimento e localização. Nas descrições anteriores era possível fazê-las fora de si, fazer descrições apenas no espaço neutro de sinalização em frente ao corpo sem se utilizar do próprio corpo para apresentar e/ou representar os significados, entretanto nesta transferência ocorre diferente como Campello (2008, p. 215) nos mostra:

Esta estrutura reproduz várias ações ou imagens, tudo aquilo que o narrador coloca todos os objetos ou cenas no corpo do mesmo narrador. O narrador passa a mostrar as ações efetuadas ou sofridas no processo do enunciado humano, animal ou de objeto, e mais frequentemente, pode ser um não-animado. O narrador passa a ser transformado em um objeto para caracterizar aquilo que sente ou mostra fisicamente.

Fica claro segundo Campello (2008, p. 215) que a função do narrador quando faz uma TI é incorporar o objeto, a pessoa ou a cena que ele quer contar. É nesse momento novamente as expressões faciais ou corporais mostram o estado do espírito do narrador transferido, tanto na relação que se estabelece entre o narrador, quando na ação que está se realizando.



Figura 22: TI do Aparelho reprodutor feminino (CAMPELLO, 2008, p. 189)



Neste exemplo vemos uma TI muito produtiva, a partir da incorporação do “aparelho reprodutor feminino” pode-se apontar o caminho percorrido pelo espermatozoide para chegar até o ovulo, o próprio ovulo pode descer pelas trompas para chegar até o espermatozoide e entre outras possibilidades. O interessante nesta descrição é o reflexo do referente visível no corpo do sinalizador.

Como estamos falando de interpretação, o próximo item tratará destas questões, trazendo algumas questões conceituais quanto às diferenças entre tradução e interpretação bem com alguns tipos desta última.

2.5. TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS

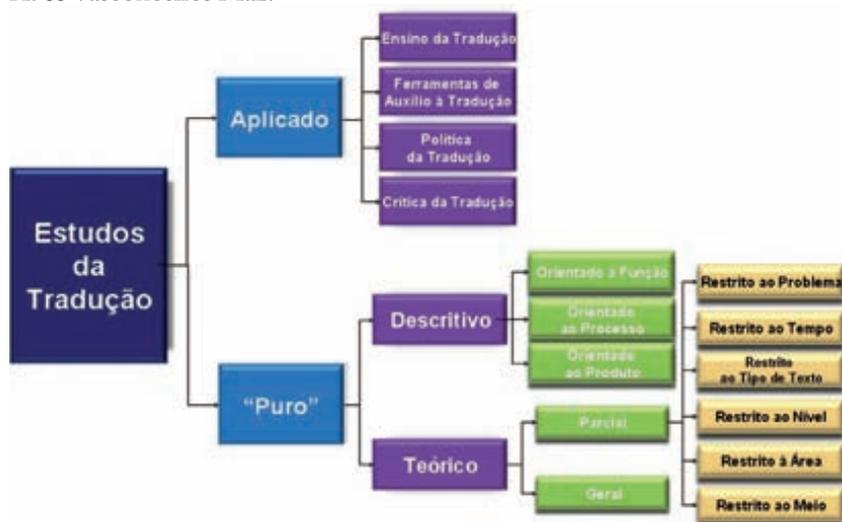
Mesmo que as práticas de traduzir e interpretar sejam antigas, a organização em forma de ciência destas é algo recente no Brasil. O campo interdisciplinar dos Estudos da Tradução teve seu primeiro mapeamento proposto por Holmes (1972¹⁰). Em 2003 as professoras Dra. Maria Lúcia Vasconcellos (UFSC) e Dra. Adriana Pagano

¹⁰ Holmes apresentou seu trabalho oralmente em um evento com o título “The name and nature of Translation Studies” [O nome e a natureza dos Estudos da Tradução], que só foi publicado 16 (dezesesseis) anos depois, em 1988.



(UFMG) transcreveram o mapeamento em forma de esquema como podemos ver na imagem seguinte:

Figura 23: Mapeamento de Holmes (1972) segundo transcrição de Pagano A. & Vasconcellos M.L.¹¹



Os mapeamentos podem nos ajudar a verificar o “estado da arte”¹² dos Estudos da Tradução, auxiliando pesquisadores e profissionais quanto ao que vem sendo executado nesta área. É possível notar, por exemplo, que Holmes não mencionou a interpretação como um desdobramento da tradução como é possível ver em outros mapeamentos posteriores como o de Pagano A. & Vasconcellos M. L. quando propuseram apresentar o “estado da arte” dos Estudos da Tradução no Brasil de acordo com a imagem que se segue:

¹¹ Fonte: Pagano A. & Vasconcellos M.L. Estudos da Tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990. Revista Delta (Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada). Vol, 19, nº spe. São Paulo, 2003.

¹² Estes termos são utilizados quando se anseia documentar o que está sendo feito até o presente momento em um determinado campo de estudo.



Figura 24: Mapeamento dos Estudos da Tradução no Brasil



Interessante que neste mapeamento aparecem algumas subáreas não contempladas no mapeamento de Holmes (1972), transcrito por Pagano A. & Vasconcellos M. L. (2003), como os estudos de tradução intersemióticos.

Partindo para um desdobramento deste campo, especificamente nos estudos da tradução/interpretação de línguas de sinais, alguns autores atuais vêm mostrando o deslocamento das pesquisas em tradução e interpretação de língua de sinais nas últimas décadas. Uma das autoras é Santos (2012) que em seu artigo apresenta dados preliminares desenvolvidos em sua tese através de um *software* o *WordSmith Tools*, em que fez uma extração de palavras mais frequentes nas pesquisas em nível de dissertações de mestrado e teses de doutorado publicados de 2000 a 2010, possibilitando assim traçar um panorama teórico das pesquisas nesse período.



A partir desses dados preliminares, a autora constatou que as teses e dissertações sobre tradução e interpretação de língua de sinais de 2000 a 2010:

[...] apresentam um caráter descritivo sobre a atuação do profissional que realiza a atividade de tradução e interpretação, bem como o contexto educacional como sendo o mais evidente nos dados. A área enfrenta um deslocamento nos objetos de pesquisa, pois atualmente o termo mais evidente é ‘tradução’, seguido de dois outros termos: ‘língua’ e ‘texto’. (SANTOS, 2012, p. 8)

Interessante perceber o andamento das pesquisas de tradução e interpretação de língua de sinais no Brasil para que possamos compreender de onde partimos nesta pesquisa. Assim, podemos compreender que este trabalho se insere nos estudos linguísticos, mais precisamente nos estudos linguísticos das línguas de sinais, como mencionados nos itens anteriores e agora por fim nos inserimos nos Estudos da Tradução na subárea da interpretação das línguas de sinais, que vem sofrendo uma mudança em suas pesquisas. Antes, a maioria das dissertações e teses versava sobre os temas referentes ao espaço educacional. No entanto, atualmente há estudos mais direcionados para temas específicos dos Estudos da Tradução, onde essa pesquisa também se insere.

Por fim, para que possamos compreender ainda melhor o objeto de estudo desta pesquisa, o próximo item explicará um pouco sobre a diferença de traduzir e interpretar e alguns tipos de tradução.

2.5.1. Tradução ou Interpretação?

A distinção entre uma ou outra terminologia a ser adotada neste trabalho se faz necessária, para compreender melhor os fatores envolvidos no ato interpretativo ou tradutório. Entretanto, algo interessante que Magalhães Jr. (2007, p. 26) nos aponta é que:



[...] traduzir e interpretar são verbos e ações que se interpenetram. Uma coisa não existe sem a outra. A distinção terminológica cumpre apenas um fim didático e só é valorizada mesmo por intérpretes e tradutores. As pessoas que assistem ao trabalho de interpretação, e o aplaudem, não ligam para isso. Para elas, aliás, é 'tradução simultânea' e pronto. Portanto, a escolha entre uma ou outra forma depende, em parte, de com quem estejamos falando. Não vejo pecado em usarmos as duas, pelo menos por enquanto. Fique à vontade para usar a forma que preferir. Deixe a seriedade, e as cobranças, para os intérpretes, ou para quando *você* finalmente for intérprete. Aí você muda o discurso. Faz parte do ritual iniciático.

Se para tradutores e intérprete de línguas orais já é complicado definir esses termos, como vimos na citação acima, pode-se afirmar que para as línguas de sinais é ainda mais complexo. Isso se dá, preliminarmente, porque se distingue a tradução muitas vezes como um processo que envolva um texto escrito e a interpretação envolvendo um texto oral. Nas línguas orais, a distinção é clara, visto que os textos escritos são palpáveis através de papel ou na tela de um computador, por exemplo, mas na língua de sinais ainda não há uma escrita amplamente usada e difundida.

Desse modo, nesta pesquisa vamos adotar os termos tradução e interpretação de acordo com alguns autores que mantêm a mesma linha de raciocínio. O trabalho do tradutor se realiza de duas formas, pode ser de uma forma bem elaborada e com tempo de revisar e retomar o texto, isto é, uma tradução, ou no momento em que a fala ou a sinalização é proferida pela primeira vez, sem tempo de retomadas ou revisões no texto, ou seja, uma interpretação.

Uma autora que corrobora com essa ideia é Luciano (2005) que em sua dissertação intitulada *A interpretação simultânea sob a ótica da*



linguística aplicada define “interpretação”, e mais precisamente “interpretação simultânea”, como a realização, sob imposição externa da velocidade, da versão final de um texto na primeira produção feita pelo intérprete (LUCIANO, 2005, p. 40).

Desse modo, Luciano (2005) aponta algumas variáveis que determinam uma interpretação como o tempo para rever o texto, fazer notas e entre outras que não podem ser realizadas. O tempo da produção e recepção da interpretação é simultâneo, no momento em que a língua fonte está sendo proferida o intérprete tem que ouvir e proferir mensagens ao mesmo tempo, diferente da tradução que pode ocorrer até mesmo anos depois de ter sido proferida a informação na língua fonte.

Outra diferença marcante entre tradução e interpretação é discutida por Luciano (2005) na variável *completude* ou não do texto de partida. Ela menciona que a informação está presente o tempo todo para o tradutor podendo retornar o texto e fazer correções quando necessário. Já na interpretação, a informação é apresentada uma única vez e muitas vezes de forma fragmentada.

Tendo em mente as questões apresentadas por Luciano (2005) chegamos a Quadros & Souza (2008) que ao analisarem o processo tradutório existente por tradutores surdos do curso letras Libras chegaram à conclusão da existência de procedimentos tradutórios “a partir dos problemas encontrados nos textos produzidos, bem como, na complexidade para se chegar a um bom texto” (QUADROS & SOUZA, 2008, p. 177). Essa diferenciação se faz importante para compreendermos nessa pesquisa com o que estamos lidando.

Em suma, com base em Luciano (2005) e Quadros e Souza (2008), podemos compreender a diferença entre tradução e interpretação, sendo a tradução algo retocável, algo que possa ser alterado antes de ser finalizado. A interpretação ocorre no momento da enunciação sem possíveis retomadas, sendo o intérprete sempre pressionado a encerrar o que está dizendo por estar vindo um novo bloco de informação em seguida.



2.5.2. Tipos de Tradução e Interpretação

Quando falamos em tipos de tradução, recorremos quase que automaticamente a Jakobson (1975), um dos primeiros pesquisadores a defini-los. Segundo esse pesquisador, há três tipos de tradução:

A tradução intralingual, ou reformulação, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.

A tradução interlingual, ou tradução propriamente dita, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.

A tradução intersemiótica, ou transmutação, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais. (JAKOBSON, p. 64-65, 1975)

Antes diferenciamos tradução de interpretação e também tipos de tradução, assim fica mais fácil compreender como essa tipologia pode ser aplicada na interpretação também.

No decorrer desta pesquisa, o contato com diferentes bibliografias fez uma reconstrução de concepções quanto ao tipo de interpretação que estamos adotando, se é intralingual, interlingual ou intersemiótica. Tendo isso em vista, buscamos novas pesquisas que vêm sendo realizadas nos Estudos da Tradução, em relação à tradução/ interpretação de língua de sinais. Por exemplo, Souza (2010) aponta uma Norma Surda de Tradução¹³ ao referir-se ao trabalho realizado pelos tradutores surdos no curso de letras Libras. O mesmo discute as questões de modalidade de tradução e aponta o tempo de preparo e as discussões de problemas na tradução realizada pelos tradutores do curso como um ponto marcante que constitui esse processo como sendo realmente uma tradução e não uma interpretação. Mesmo que exista o fator simultaneidade da sinalização presente no vídeo dos materiais

¹³ No original *Deaf Translation Norm* (STONE, 2009).



didáticos do curso Letras Libras, esse vídeo foi a versão final de várias outras gravações, estudadas, retomadas, rediscutidas, revisadas e refeitas até chegar a uma tradução bem “bacana” (SEGALA, 2010, p. 52).

Segala (2010) discute a tradução intermodal, a tradução inter-semiótica, o tradutor intermodal e intersemiótico/interlinguístico e a tradução intermodal e intersemiótica/interlingual na língua de sinais em sua dissertação de mestrado. A tradução intermodal, segundo Segala (2010), é aquela feita entre línguas de diferentes modalidades. O autor cita como exemplo a tradução do português brasileiro para a língua brasileira de sinais e a tradução do inglês para a língua americana de sinais, isto é, a primeira sendo uma língua na modalidade oral-auditiva e a segunda na modalidade espaço-visual. A tradução intersemiótica é pensada assim como Jakobson (1975) sendo a transmutação de signos verbais entre signos não verbais através de diferentes formas de linguagem. Para a atuação de um tradutor intermodal e intersemiótico/interlinguístico Segala (2010) diz que deve ser usuário de Libras e português, preferencialmente tradutor surdo, nativo de Libras, tendo o português como L2. E por fim, o autor explana sobre a tradução intermodal e intersemiótica/interlingual, presente na tradução dos materiais didático do curso letras Libras a distância da Universidade Federal de Santa Catarina, onde os tradutores partem dos textos escritos para a produção da tradução em vídeo na versão em língua de sinais. (SEGALA, 2010, p. 32)

Há diferentes formas dos tradutores surdos realizarem a tradução. Atualmente alguns estudos analisam o recurso de ver uma sinalização em uma tela produzindo outra, sendo assim uma forma de glosa intralingual. Essa forma de tradução utiliza, em vez de glosas em português na tela, um vídeo com sinalização para que se “reinterprete” na mesma língua o que se está vendo, assim as glosas em língua de sinais se denominam de *glosinais*. Esse termo foi utilizado pela primeira vez por Pimenta (2013, p. 41) em sua dissertação inovadora, que foi toda realizada em Libras (vídeo). O pesquisador relata que após a obtenção



da versão final da dissertação traduzida para o português, o tradutor leu em Libras atrás da câmera para que fosse feita a reinterpretação e produção do autor em língua de sinais (PIMENTA, 2013, p. 41). Essa forma de se fazer glosa para tradução é recente e abre um vasto campo para pesquisas, entretanto, como veremos na metodologia deste trabalho a forma de glosa utilizada pelo surdo para a sinalização do vídeo a ser interpretada foram glosas em PB.

A partir da análise destes autores, algumas reflexões podem ser feitas. Poderíamos compreender que nesta pesquisa estaremos nos referindo a interpretação interlingual, por ser a interpretação entre descrição imagética da Libras e signos verbais do Português Brasileiro. Entretanto, o conceito de DI coloca em dúvida se estamos trabalhando com uma interpretação interlingual ou intersemiótica, ou se são as duas ao mesmo tempo. Interlingual por se tratar de duas línguas e intersemiótica por se tratar da construção sinalizada de imagens altamente icônicas que podem fazer intersecção a outro sistema de linguagem presente, talvez, em apenas línguas sinalizadas.

Mas sendo as descrições imagéticas parte da língua de sinais estaremos falando de interpretação interlinguística sim. No entanto, também podemos reconhecer que o surdo que sinaliza uma DI está fazendo uma interpretação intersemiótica e intralingual, pois o mesmo transmuta elementos da linguagem imagética (de imagens, por exemplo) para a língua de sinais.

Assim, concluímos o referencial teórico desta pesquisa tendo em mente que estamos trabalhando com o par linguístico de interpretação – língua brasileira de sinais e português brasileiro. O próximo capítulo descreverá o percurso metodológico deste estudo.

Para agregar a esta discussão, disponibiliza-se a seguir a tradução do original em Libras da entrevista realizada em 2008 com a professora e doutora Ana Regina e Souza Campello quanto à proposta de alteração da nomenclatura *classificadores* na língua de sinais brasileira para *descrições imagéticas*.

CAPÍTULO 3

A entrevista

Ana Regina e Souza Campello

Marcos Luchi

Tradutora: Gizelle Fagá

Este capítulo será composto apenas pela entrevista realizada com a professora doutora Ana Regina e Souza Campello em 2008, quando comecei a me interessar pelo tema das descrições imagéticas e quis saber um pouco sobre a proposta dela de alteração da nomenclatura até então usada, os classificadores.

A entrevista foi realizada em Libras¹⁴ e foi traduzida para o português por Gizelle Fagá¹⁵ como apresento a seguir:

§

MARCOS: *Então, depois de muita procura consegui encontrar a professora Ana Regina. Ela está trabalhando na UFSC e elaborou uma tese. Gostaria de saber qual o tema de sua tese professora?*

ANA: *Olá a todos, agradeço por me convidar para essa entrevista Marcos. O título da minha pesquisa é **Aspectos da visualidade na educação de surdos.***

¹⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=xCJZq797K7M&feature=youtu.be>.

¹⁵ <http://lattes.cnpq.br/8449890432269455>



MARCOS: *Muito interessante! Como em todas as teses ao concluir o autor faz uma proposta. Eu notei que sua proposta é um tanto quanto diferente, você sugere que o termo classificadores, na língua de sinais, seja substituído por outro. Mas esse termo perdeu sua importância? Por que substituí-lo?*

ANA: *Vou explicar sobre minha tese. Há muito tempo leio obras de vários autores ouvintes na área da linguística que falam sobre os classificadores. Contudo, essa abordagem tinha a influência de teorias fonocentristas. Não havia o ponto de vista dos surdos sobre a língua de sinais. Isso me angustiava, pois essas teorias desconsideravam os aspectos reais da Libras. A partir de então que resolvi pesquisar essa área. Então, com o passar do tempo através dos meus estudos e minha experiência como instrutora e professora na Feneis, resolvi pesquisar o aspecto da visualidade da Libras.*

Além disso, discordava do pensamento de outros professores que ensinavam sobre os classificadores. Eu sabia que faltava algo, que esse termo classificadores era algo embasado na categorização utilizada pelos ouvintes com base no fonocentrista e não nas características visuais das línguas de sinais. Parecia que essas teorias estavam longe do que realmente é a língua de sinais. Sendo assim, durante dois anos e com a oportunidade ir aos Estados Unidos e estudar na Universidade Gallaudet, que você conhece, aproveitei o doutorado sanduíche para aprofundar minha pesquisa sobre o tema. Lá encontrei várias obras que tratam sobre o assunto e que contribuíram muito para meus estudos. Além disso, tive contato com a obra do francês Cuxac que embasou minha pesquisa e contribuiu para que pudesse esclarecer ainda mais alguns aspectos da visualidade nas línguas de sinais. Em 2008, concluí minha pesquisa sobre os Classificadores, a qual acredito ser de relevância nacional.

Essa tese é importante para o curso letras/Libras e entre outros campos do conhecimento científico como cinema e teatro que abordam a Libras e suas diversas significações.



MARCOS: *Com certeza é muito interessante sua pesquisa. Mas queremos saber qual novo termo que você propõe e qual seu significado?*

ANA: *Abordo a história da educação dos surdos para introduzir o tema central de minha tese, que são os classificadores.*

Em sala de aula tanto professores quanto intérpretes ensinam o conceito de classificadores aos surdos. Minha proposta é alterar o nome de classificador para descrição imagética.

Os classificadores seguem regras pautadas na categorização a partir das línguas orais. Contudo, as línguas de sinais não podem ficar presas a essas mesmas regras, devido a ter características diferentes. Nas línguas de sinais, há toda uma contextualização nas quais apresentam estruturas morfológicas impossíveis de serem categorizadas tais quais as línguas orais.

Desta forma, embasei minha pesquisa nas categorias de transferência de Cuxac e acrescentei a estas a transferência de incorporação.

Para exemplificar, vamos imaginar uma mesa. Se eu quero me referir a uma mesa, não posso me fixar apenas ao modelo genérico de mesa. Devo explorar características da visualidade de tal conceito. Especificar as características de sua superfície se é irregular, uniforme ou ondulada. Isso é feito através da transferência de incorporação.

Ao longo dos anos, as pesquisas constataram que é inviável criar novas categorias dentro dos classificadores para abarcar as características das línguas de sinais.

Através da minha pesquisa, defendo que a linguística não deve se ater a criação de um item lexical para cada referente ou correspondente nas línguas orais. O que defendo é que se respeite sua estrutura natural, onde uma informação pode ser gerada a partir de um conjunto de sinais que, na verdade, equivale a apenas um item lexical.

Além disso, na tradução de qualquer palavra do português bem como de qualquer outra língua oral para as línguas de sinais é necessário que se use estratégias de incorporação. Assim, qualquer palavra da língua



oral que não tenha um equivalente nas línguas de sinais, pode-se traduzir através de um conjunto de sinais que contemplem o cerne da informação. Por isso que, não se pode ficar preso a regras de categorização, pois um sinal pode ser formado por um conjunto de sinais com tal significação.

A incorporação é fundamental para o surdo. Se nós pesquisadores insistirmos na fragmentação das línguas de sinais através da categorização, seu caráter natural se esvanecerá, gerando uma língua artificial (robotizada). Devido a isso, eu sou contra tal tendência.

Quando estão aprendendo Libras, os discentes têm a tendência de achar que para cada palavra haverá um sinal equivalente e assim por diante. Em minha tese, eu defendo que os leitores precisam entender que muitas vezes um conjunto de sinais quer expressar apenas um referente.

As línguas orais diferem das línguas de sinais por terem recursos morfológicos para a inclusão de mais de uma informação numa mesma palavra. Mas nas línguas de sinais não. O recurso para isso é a utilização de um conjunto de sinais que tem a significação de apenas um item lexical. Esse assunto exige um estudo mais longo, profundo, e eu não o esgote.

Na minha tese sobre os Aspectos da visualidade proponho que em lugar do termo já bem conhecido como classificador se use o termo descrição imagética, cujo sinal é a soletração D-I.

Recentemente, há aproximadamente dois anos, na universidade americana de Gallaudet, devido a pesquisas na área decidiu-se também descontinuar o uso do termo classificador e foi-se adotado as descrições imagéticas, como também na França. Essa tendência tende a se disseminar conforme as pesquisas sobre as línguas de sinais forem se desenvolvendo naturalmente.

CAPÍTULO 4

Caminhos percorridos na pesquisa

Marcos Luchi

No que se refere à abordagem, a pesquisa pode ser considerada qualitativa. É importante ressaltar que os dados (*corpus*) que serão analisados foram produzidos para este trabalho constituem uma amostragem do tipo não-probabilístico, caso contrário, estaríamos trabalhando com uma pesquisa quantitativa que apresenta uma possibilidade maior de generalizações.

Como primeiro método deste trabalho, fez-se necessário buscar uma revisão bibliográfica, já apresentada no capítulo 2 desta dissertação. Esse arcabouço teórico realizado acompanhará todo o trabalho, uma vez que teceremos as falas de alguns autores para corroborarmos com os dados encontrados.

Nesta dissertação descreveremos o processo de interpretação da língua brasileira de sinais (Libras) para o português brasileiro (PB), a partir da amostra das produções de dois intérpretes. Nosso foco, neste estudo, serão as interpretações de descrições imagéticas (Libras para PB) realizadas pelos dois intérpretes ouvintes.

Para o andamento deste trabalho foi necessário elaborar um plano de pesquisa, que consiste:



[...] na organização das condições de coleta e análise de dados, de modo a ter-se garantia, ao mesmo tempo, de sua pertinência em função dos objetivos da pesquisa e da parcimônia dos meios. O que significa dizer que os planos de pesquisa variam segundo os objetivos desta mesma pesquisa. (SELLTIZ, C.; WRIGHSMAN, L. S.; COOK, S. W. 1990 p. 90)

Poder-se-ia utilizar interpretações já realizadas de intérpretes em congressos e eventos que tiveram sua voz gravada simultaneamente ao vídeo, mas acreditamos que em relação às descrições imagéticas seja muito improvável encontrarmos em eventos as sinalizações de DIs esperadas para análise. Sabíamos assim que as interpretações seriam inéditas. No entanto, antes de partirmos para a escolha dos participantes da pesquisa foi necessário pensar no material que os sujeitos deveriam interpretar.

Para a realização de um texto (vídeo) em Libras contendo as DI esperadas, foram necessários vários encontros com surdos sobre a possibilidade da realização de um vídeo inédito. Outra questão interessante, em relação ao vídeo ser inédito, é que nenhum sujeito da pesquisa teve contato prévio com o vídeo, não havendo essa variável de possível interferência na interpretação.

4.1. GRAVAÇÃO DO VÍDEO COM DI

Um cuidado necessário para evitar qualquer tipo de influência na sinalização do surdo foi o uso de um vídeo, também em Libras, como base para que o surdo recontasse a história. Durante a gravação do primeiro vídeo, havia imagens que intercalavam a sinalização, para que o surdo fizesse as descrições imagéticas dessas imagens, sem influência da sinalização de um ouvinte na produção das DI. O vídeo ficou organizado da seguinte forma:



Figura 25: História em Libras com tipos ou raças de gatos



Sinalização da história



Imagem a ser descrita¹⁶



Sinalização da história

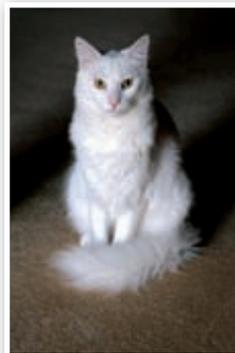


Imagem a ser descrita¹⁷

¹⁶ Fonte: <http://annaleao.blogspot.com.br/2008/12/bast-deusa-gato-egpcia.html>

¹⁷ Fonte: <http://cbnewsplus.com/fotos-de-gatos-os-gatos-mais-bonitos-do-mundo/32015/>

Figura 25 (cont.): História em Libras com tipos ou raças de gatos



Sinalização da história



Imagem a ser descrita¹⁸



Sinalização da história



Imagem a ser descrita¹⁹

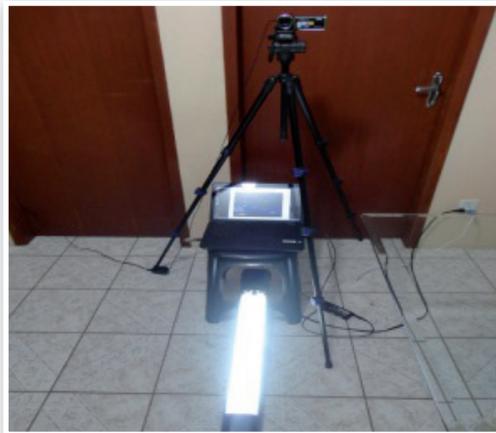
O surdo que fez a sinalização do vídeo utilizado nesta dissertação, por ser bilíngue em português/Libras, optou por fazer as glosas em PB. Como procedimento para a realização do vídeo, o surdo olhava para a tela de seu *laptop*, abaixo da câmera filmadora e em seguida sinalizava, conforme podemos ver na imagem abaixo:

¹⁸ Fonte: <http://temdetdaki.blogspot.com.br/2013/03/felinos-caseiros>.

¹⁹ Fonte: <http://cilenebonfim.com/wp-content/uploads/2012/04/2.siam%C3%AAAs.jpg>



Figura 26: Disposição da câmera



As glosas em PB criadas pelo surdo, a partir do vídeo assistido, foram as seguintes:

Quadro 6: Glosas em português brasileiro criadas pelo surdo

EXPLICA EU TENHO 3 GATOS PRETOS/ GATOS TEM VÁRIOS LUGARES SÓ BRASIL NÃO/ E MAIS FORAS E PRECONCEITO DESTRUIR GATOS PORQUE PENSA QUE É DOENÇAS POR CAUSA DE PELOS/ MAS CIÊNCIAS E ÁREA MEDICA PRÓPRIA ANIMAIS PESQUISA TEM PROVAS QUE GATO É LIMPO SOZINHO MEU PRÓPRIO LAMBE PELOS PARECE BANHO/ PIRÂMIDE EGITO TEM 2 GATOS PRETOS PEDRAS/ GATO EGITO É REI É ÚNICO GATO PRETO COMO DEUS/ 1960 MAIORIA GATOS EM CASA QUE CACHORRO/ MULHER USO GATOS COMO ACESSÓRIO NO BRAÇO/ GATO BEM BRANCO É MODA/ AGORA É MAIS CACHORROS QUE GATOS/ ENGRAÇADO HISTORIA ÍNDIA ANO 60 A.C. PESSOAS PENSAM QUE SÃO ONÇAS E MATAR ELAS PENSAM É ONÇAS MAS NÃO É/ TAMBÉM MATAR BOI POR ISSO QUE MATAR TODOS GATOS PARECE ONÇAS/ MAS NÃO VAI GRANDE AQUI BRASIL TEM VÁRIOS GATOS/ E TAMBÉM FORAS DE BRASIL COMO É FORMAR E JEITO GATO BRANCO E PRETO ROSTOS, ORELHAS, RABO E PATAS, OLHOS AZUL/ VOCÊ GOSTA GATO? TEM GATOS SUA CASA? EXPLICA COMO GATOS FORMA/



Essa forma de glosa, em português brasileiro, em vez de um vídeo em Libras, se justifica pelo próprio surdo pela flexibilidade de criação em cima das palavras. Ele veria as palavras como uma ideia, um apoio, e construiria em cima delas a sinalização. Caso fosse vídeo, o surdo acrescentou que ficaria difícil de acompanhar a sinalização na íntegra e não ficaria tão natural. Por isso, ele optou por fazer glosas em PB com palavras que lhe permitiria criar, acrescentar mais detalhes na história e estariam estáticas na tela do computador para quando quisesse retornar seu olho para lembrar algo.

Por ser um processo de tradução do PB para a Libras, vemos na maioria dos tradutores surdos uma necessidade de se ler um texto em PB, mas na estrutura da Libras, como se estivesse fazendo o uso de uma interlíngua escrita (QUADROS & SOUZA, 2008, p. 186). Rigo (2012) menciona em sua tradução comentada do artigo nomeado *Traduzibilidade poética na interface Libras – português: aspectos linguísticos e tradutórios com base em “Bandeira Brasileira” de Pimenta (1999)*, de Saulo Xavier de Souza que a realização da tradução de textos acadêmicos para a língua de sinais em vídeo pode ser realizada de duas formas, conforme as performances realizadas por uma surda tradutora/atriz de materiais didáticos do curso letras Libras a distância da Universidade Federal de Santa Catarina, que seriam o uso de glosas²⁰ e a transliteração²¹. (SOUZA, 2010, p. 127). Rigo (2012) menciona em sua tradução comentada que:

²⁰ Segundo Rigo (2012), as glosas são um sistema de notação utilizado para transcrição das línguas de sinais e já bastante difundida e utilizada por pesquisadores em inúmeros estudos. Esse sistema possui regras convencionadas de utilização de caracteres para designar determinados elementos linguísticos, como por exemplo, o uso do hífen entre letras para designar soletração a partir do alfabeto manual, por exemplo: L-A-C-U-N-A (RIGO, 2012, p. 55).

²¹ Quadros & Souza (2008), definem essa performance segundo Isham (1998, p. 231-235. In: BAKER e MALMKJAER, 1998), como sendo a transposição de uma palavra, letra a letra, de uma língua oral para uma língua de sinais (SOUZA, 2010, p. 137).



a partir da transcrição do texto-fonte em glosas foi possível ler as informações do texto na estrutura da língua-alvo. A tradutora, então, passou por um longo processo de tradução da obra original, traduzindo para a língua de sinais parágrafo por parágrafo. (RIGO, 2012, p. 30)

4.1.1. Estúdio para filmagem

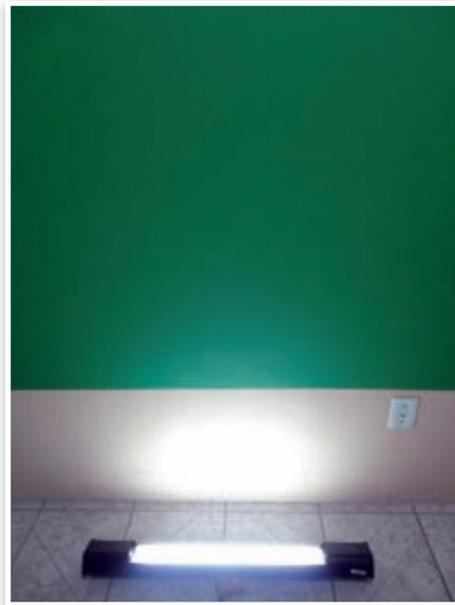
O estúdio foi organizado pelo próprio pesquisador desta dissertação. É um estúdio caseiro que se compõe da seguinte forma:

1. Uma câmera com resolução *Full* HD 1080p, com painel de LCD 2.7” sensível ao toque sem moldura, *zoom* óptico de 40x e zoom digital de 200x estabilizador avançado de imagem, dispondo de um cartão SD de 4GB;
2. Parede pintada com tinta verde fosca, para evitar o brilho no vídeo. Duas cores foram pensadas para a pintura, o verde e o azul, optando pelo verde por ser uma cor que permite mais qualidade em outros trabalhos de efeito em vídeos que queira fazer posteriormente como o *chroma Key*²² e entre outros;
3. Iluminação: o tradutor adquiriu cinco lâmpadas fluorescentes de cor branca, uma de 90 *watts* potência, forte para lâmpadas brancas e quatro lâmpadas brancas fluorescentes de 20 *watts* que ficavam expostas atrás do sinalizador evitando sombras na sinalização como se vê em seguida:

²² *Chroma key* é uma técnica que consiste em colocar uma imagem sobre outra através da substituição do fundo por uma cor padrão.



Figura 27: Luz de fundo ao chão



A imagem final da sinalização do surdo ficava da seguinte forma:

Figura 28: Imagem final da sinalização do surdo





4.2. ESCOLHA DOS PARTICIPANTES

Os participantes são intérpretes ouvintes bacharéis em letras Libras, pela Universidade Federal de Santa Catarina, formados na primeira turma de bacharelado oferecida em 2008. Buscaram-se intérpretes com essa formação, porque um dos objetivos deste trabalho é justamente discutir a formação desses profissionais e o bacharelado em letras Libras é um dos primeiros cursos de graduação que forma o tradutor/intérprete de Libras no Brasil. Em virtude do caráter dissertativo, que demanda menos tempo neste trabalho, o número de participantes é limitado – dois Intérpretes de língua de sinais. A escolha da quantidade par de participantes se justifica pela possibilidade de uma análise entre as interpretações.

Os intérpretes foram selecionados para fazer a interpretação dessa história para que analisássemos o momento da narrativa em que ocorreram as descrições imagéticas das imagens. A identidade dos intérpretes foi preservada, e alguns procedimentos foram adotados como a preservação da voz – transcrita para o PB – e a modificação dos nomes, que foram substituídos por variáveis em ordem alfabéticas, iniciando pela letra A, sendo dois intérpretes A e B.

Os ILS viram o vídeo para interpretação duas vezes, a primeira vez era para conhecimento do assunto e a segunda para realizar a interpretação. O vídeo foi projetado num televisor onde a história era passada e os ILS ficaram sentados com uma câmera filmadora a sua frente, em cima do televisor, gravando o áudio e vídeo dos ILS. As imagens não foram utilizadas nesse experimento, mas acreditou-se ser necessário à obtenção delas em primeiro momento para que se houvessem ambiguidades ou utilização de sinais, ou gestos durante a interpretação poderiam ser utilizados. Esses elementos não foram encontrados, por isso permaneceu apenas a voz na transcrição das interpretações.



4.3. PRODUÇÃO DE DESENHOS E PROCEDIMENTOS DAS FILMAGENS

Os experimentos deste estudo se realizam em duas etapas, a primeira a produção de desenhos e a outra a filmagem de interpretações de descrições imagéticas. Pensou-se em realizar a produção de desenhos porque essa atividade nos permite “visualizar e compreender os fatores discursivos e cognitivos envolvidos na interpretação” (QUADROS, 2012)²³.

Além de ser uma importante estratégia para que o intérprete tenha consciência do processo cognitivo envolvido no momento da interpretação, a realização dos desenhos após a sinalização nos permite, mesmo que de forma distante, perceber a compreensão do intérprete. Saber a compreensão do intérprete é relevante, uma vez que ele interpretará o que compreendeu da sinalização.

É importante ressaltar que pode ser distante a percepção que teremos da compreensão do intérprete pela produção dos desenhos, porque há outras variáveis envolvidas neste ato como – habilidade motora para desenhar, a habilidade em se expressar de forma gráfica pode ser inferior a habilidade de se expressar pela linguagem oral e entre outras. Mas o que é notável nesse experimento e que observaremos no quarto capítulo análise dos dados” é que um dos intérpretes após ver a segunda sinalização para realizar o desenho, pediu para retomar o primeiro novamente e modificou, realizou uma segunda versão do seu desenho. Essa segunda versão se assemelhou em alguns traços da sinalização que o surdo havia realizado, sendo assim, podemos concluir que esse experimento tem sua validade, quando o intérprete toma ciência de uma escolha equivocada e retoma, mas essas questões serão aprofundadas ainda mais no capítulo 4.

²³ Desenhar a partir de uma sinalização foi uma atividade adotada pela professora e doutora Ronice Muller de Quadros em seu minicurso **Fundamentos para a interpretação de língua de sinais – Nível I** oferecido no III Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa na Universidade Federal de Santa Catarina no ano de 2012.



Os desenhos foram coletados a partir de cinco vídeos curtos e cada um tinha entre 5 e 15 segundos de realização. Esses vídeos continham a sinalização das cinco transferências encontradas em DI apresentadas por Campello (2008) no capítulo 2 do referencial teórico desta dissertação, que retomando são: transferência de tamanho e de forma (TTF), transferência espacial (TE), transferência de localização (TL), transferência de movimento (TM) e transferência de incorporação (TI). No momento da produção dos desenhos, os ILS puderam rever os vídeos sempre que quisessem.

A sinalização dessas transferências, realizadas pelo surdo, foi a partir dos seguintes desenhos:

4.3.1. Imagem e sinalização de Transferência de Tamanho e Forma (TTF)

Figura 29: Foto da araucária²⁴



Esta imagem foi escolhida pelo seu potencial em produzir a transferência esperada que seria a TTF. Podemos perceber na sinalização do surdo a preservação dos aspectos tamanho e forma dessa imagem. As transferências não foram transcritas, mas foram feitos recortes da sinalização para que possamos visualizar o que foi produzido pelo surdo. A transcrição da sinalização do surdo se assemelharia muito

²⁴ Fonte: <http://cta2009-2-dominios-morfoclimaticos.blogspot.com.br/2009/05/dominio-morfoclimatico-das-araucarias.html>.



com a visualização da imagem, assim optamos apenas pela imagem e pelos recortes da sinalização nessa parte do trabalho. Segue os recortes do vídeo sinalizado pelo surdo:

Figura 30: Sinalização da araucária



4.3.2. Imagem e sinalização de Transferência Espacial (TE)

Figura 31: Árvore em 3D²⁵



A sinalização esperada numa TE é aquela em que o sinalizador expressa a tridimensionalidade do referente, contendo largura, comprimento e profundidade. Por isso, optou-se por essa imagem, que foi sinalizada da seguinte forma como vemos nos recortes do filme:

²⁵ Fonte: <http://merielenalves.blogspot.com.br/2010/06/stills-da-animacao-3d-as-aventuras-de.html>.



Figura 32: Sinalização da árvore em 3D



4.3.3. Imagem e sinalização de Transferência de Localização (TL)

Figura 33: Imagem das quatro árvores



A imagem escolhida deveria ser sinalizada de forma bem simples, apenas com o sinal de “árvore” em quatro locais diferentes de sinalização. Não houve nenhuma especificação do tipo de árvore, exatamente como segue:



Figura 34: Sinalização das quatro árvores



4.3.4. Imagem e sinalização de Transferência de Movimento (TM)

Figura 35: Árvore com vento²⁶



A princípio, esta transferência pareceu ser uma das mais difíceis, mas por se tratar do movimento de uma árvore com vento, se tornou mais fácil de ser representado. A partir dessa imagem o surdo produziu a seguinte sinalização como podemos ver no recorte abaixo:

²⁶ Fonte: <http://aidobonsai.com/2009/06/06/a-arvore-e-o-vento/0003-2/>.

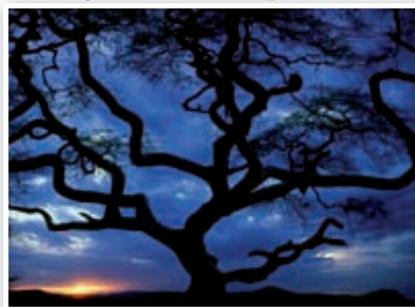


Figura 36: Sinalização da árvore com vento²⁷



4.3.5. Imagem e sinalização de Transferência de Incorporação (TI)

Figura 37: Árvore para TI²⁸



Nesta parte das transferências, gostaríamos de salientar que os intérpretes poderiam visualizar o vídeo quantas vezes quisessem em todas as sinalizações de transferências. Nesta parte, a sinalização exigiu muitos detalhes semelhantes, o que poderia tornar mais confuso no momento da representação em desenho, como veremos nas análises. A sinalização segue nos seguintes recortes:

²⁷ Sinalização completa no link: <http://www.youtube.com/watch?v=rzhKtBO-uUU&feature=youtu.be>.

²⁸ Fonte: <http://www.blog.colegioamparo.org/wp-content/uploads/2011/03/arvores-com-galhos-retorcidos-30c97.jpg>.



Figura 38: Sinalização da árvore para incorporação²⁹



4.4. TRANSCRIÇÃO DAS FILMAGENS

A questão da transcrição de dados linguísticos é algo que vem sido discutida por alguns pesquisadores. McCleary *et al* (2010) diz que diferente da língua oral, em que as transcrições são realizadas por meio do sistema alfabético, nas línguas de sinais a questão da transcrição é bem mais complexa, uma vez que não existe ainda um sistema de escrita que seja amplamente difundido e aceito como base para a transcrição das línguas de sinais. No entanto, os mesmos autores enxergam como ponto positivo o fato de a falta de um sistema preservar a corporalidade original das línguas de sinais. Uma alternativa para driblar a inexistência de um sistema escrito que sirva de padrão para análises, tem sido as glosas. Nas glosas uma palavra em inglês ou em outra língua oral é grafada em letra maiúscula para representar um sinal manual com sentido equivalente (McCLEARY *et al*, 2010).

Para este estudo, os dados foram transcritos por meio do *software* conhecido como ELAN (*Eudico Linguistic Annotator*), elaborado na Europa pelo Instituto de Psicolinguística Max Planck. Esse *software*

²⁹ Sinalização completa no link: <http://www.youtube.com/watch?v=IFdCLxPFN9Q&feature=youtu.be>.



permite que a partir dos vídeos e áudios sejam criados e editados anotações com a possibilidade de busca posterior do que foi anotado. O ELAN é um *software* livre que pode ser baixado da *internet* em versões compatíveis com *Windows*, *Linux* e *Mac*. Além disso, o programa possui linhas, chamadas pelo programa de “trilhas” para anotações paralelas ao vídeo ou áudio. O pesquisador pode optar por fazer trilhas específicas ao que está pesquisando. Por exemplo, ele pode fazer uma trilha da glosa dos sinais, outra trilha para anotar as glosas de expressões faciais e assim por diante. Neste trabalho, como o objeto de estudo são as descrições imagéticas, optou-se pela criação de apenas uma trilha para anotar os sinais e as DI nas sinalizações essas foram especificadas dentro dessa mesma trilha.

O Núcleo de Aquisição de Língua de Sinais (NALS) da Universidade Federal de Santa Catarina, em seu projeto Bimodal Bilíngüe Bi-nacional (BiBiBi)³⁰, elaborou um cadernos de convenções de transcrições a serem adotadas por seus transcritores. Na realização da transcrição nesta pesquisa, fez-se necessário utilizar essas convenções, principalmente na transcrição do vídeo em Libras, para que os leitores desta pesquisa possam ter uma noção o mais próximo possível do vídeo realizado em língua de sinais. Além de propiciar aos leitores uma proximidade ao “texto” em Libras, essa forma de transcrição dos vídeos torna muito mais eficaz a análise dos dados, podendo fazer um paralelo “lado a lado” entre a sinalização do surdo e as interpretações realizadas como veremos no capítulo 4. Assim, a partir deste momento, serão explicitadas as convenções adotadas nesta pesquisa para realização da transcrição.

As glosas foram feitas em letras maiúsculas para sinais com glosas diretas e os verbos não foram conjugados, mantendo-os todos no infinitivo (PESQUISAR, ENCONTRAR, VER, entre outros). Podemos ver essa ocorrência logo no início da transcrição da Libras neste trabalho (OLÁ TUDO BOM · EU TER GATO). Quando o

³⁰ Projeto coordenado, no Brasil, pela professora doutora Ronice Müller de Quadros e financiado pela National Institute of Health.



sinalizador se referia a quantidade de objetos (coisas ou animais) utilizando de números, na transcrição em Libras, colocamos o número após o sinal – “GATOS3”. Entretanto, quando o sinalizador utilizava do recurso de “boia” em língua brasileira de sinais, que consiste no uso paralelo da enumeração dos referentes em uma mão enquanto a outra mão aponta para a ordem na qual será falado e em seguida descreve o objeto, nesses casos a transcrição foi realizada da seguinte forma – “#3, 1º HOMEM 2º e 3º MULHER”.

Assim como nas convenções do projeto BiBiBi adotou-se para as DI, a glosa “DV” precedida entre parênteses da descrição. Interessante notar que essa sigla pode ser traduzida do inglês para o PB como “Verbos Descritivos” quando se referem aos verbos classificadores das línguas de sinais, essa sigla vem ao encontro ao referencial teórico deste trabalho que opta pela nomenclatura descrições imagéticas.

Outras glosas do projeto já referido que se adotou neste trabalho é a glosa “POSS” para possessivos na língua de sinais, precedido entre parênteses a quem a posse se refere (exemplo: POSS (gato)). E para apontamentos usou-se a glosa “IX” precedida entre parênteses, a quem o apontamento se referia. (exemplo: IX(gato)).

Segue uma tabela, segundo as convenções do projeto BiBiBi, com um resumo das convenções, somente das glosas adotadas neste trabalho:



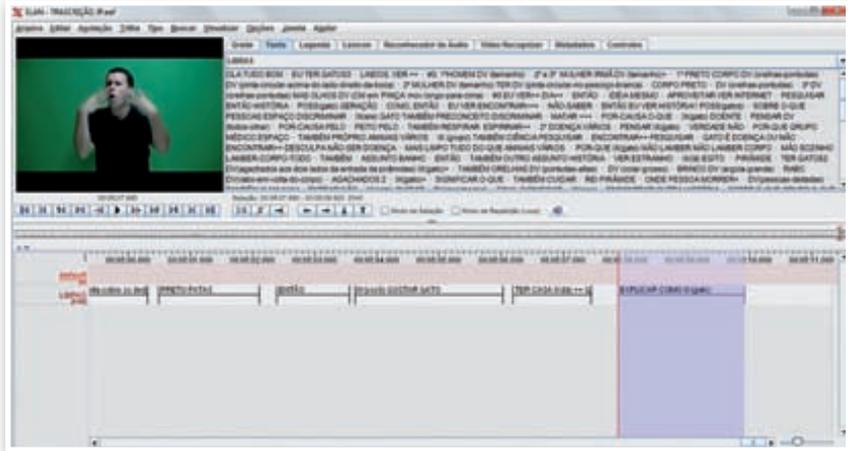
Quadro 7: Resumo das convenções adotadas nas transcrições

Item	Convenção	Exemplo
Glosas na língua de sinais	Letras maiúsculas, com acentuação; glosas com mais de uma palavra devem ser ligadas por hífen.	EU TER GATOS POR-FAVOR O-QUE
Glosas numeradas	Em glosas numeradas, a numeração deve ficar colada ao nome do sinal, sem espaço.	GATO2
Apontação para pessoas	IX seguido pelo referente com letras minúsculas, dentro dos parênteses.	IX(você)
Apontação para objetos	IX seguido pelo referente com letras minúsculas, dentro dos parênteses.	IX(gato) IX(grupo) IX (pirâmide)
Apontação para lugares	IX seguido pelo locativo com letras minúsculas, dentro dos parênteses.	IX(lá)
Possessivos	POSS seguido pelo referente com letras minúsculas, dentro dos parênteses.	POSS(gato)
Verbos descritivos (classificadores)	Usar a glosa “DV” seguida da descrição entre parênteses (com hífen entre as palavras).	DV (orelhas-pontudas) DV (pinta-circular-acima-do-lado-direito-da-boca)
Palavras soletradas	Usar a glosa “FS” seguida da palavra sem hifenização ou da letra entre parênteses.	FS(pé) FS(modas)
Sinais repetidos	Adicionar o sinal + ao sinal no final da glosa.	MATAR +++



A partir das convenções apresentadas no quadro anterior, partimos para a transcrição do vídeo em Libras, como podemos ver no *layout* do ELAN na figura abaixo:

Figura 39: Transcrição do vídeo em Libras



Adotou-se para a transcrição das interpretações em português brasileiro, as convenções do projeto Bimodal Bilíngue Bi-nacional (BiBiBi), que orienta que as falas devam ser transcritas com palavras assim como encontram-se no dicionário, exceto em algumas contrações da fala como no caso do falante dizer “tá” quando a palavra no dicionário se escreve como “está”, neste caso orienta-se no projeto a transcrição da contração e da palavra completa.

As transcrições podem ser adequadas ao objeto de estudo, como nesta pesquisa o foco não é a aquisição da linguagem como no projeto BiBiBi, não usaremos dessa estratégia de notação das contrações, apenas faremos as notação tais quais são ditas nos áudios, uma vez que o objeto de estudo nesta pesquisa são as DI. A transcrição foi realizada na íntegra, sem uma trilha específica para as DI, pois elas serão separadas do restante da interpretação no capítulo 4 análise dos dados.

CAPÍTULO 5

Analizando as interpretações

Marcos Luchi

Este capítulo fará a análise dos dados coletados em duas etapas. A primeira parte das análises considerou a compreensão que os intérpretes tiveram da sinalização a partir dos desenhos produzidos por eles e a partir da descrição imagética realizada pelo surdo. Na segunda parte das análises, vimos na prática interpretativa as escolhas que os intérpretes em língua de sinais (ILS) tiveram na interpretação de DI, como consideraremos a partir da transcrição da história em língua de sinais brasileira.

5.1. ANÁLISE DOS DESENHOS

A intenção da coleta de desenhos é verificar o que o intérprete compreende em sua mente no momento em que está vendo a sinalização. Esse exercício não nos permitiria nunca compreender ao certo o funcionamento do cérebro do ILS no momento da sinalização, mediante inúmeros fatores que esta pesquisa não tem a pretensão de se aprofundar. No entanto, os desenhos nos forneceram uma pequena amostra do que o intérprete está vendo, compreendendo da sinalização.

As sinalizações em vídeo tinham entre 5 a 20 segundos de dura-



ção. Conforme apresentamos nos procedimentos metodológicos desta dissertação, as sinalizações eram de árvores diferentes ou em situações diferentes, que totalizavam cinco vídeos de árvores e contemplavam as cinco transferências de Campello (2008).

Os vídeos foram gravados por um surdo sinalizador que tem a Libras como língua materna. Ele, primeiro via as imagens das árvores e, em seguida, sinalizava. Os ILS não tiveram acesso às imagens das árvores antes de verem e desenharem as sinalizações do surdo.

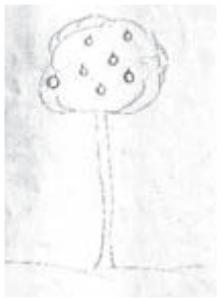
5.1.1. Intérprete A

A seguir apresentamos as imagens, alguns recortes da sinalização realizada pelo surdo e os desenhos produzidos pelo intérprete A, com as análises das respectivas transferências.

5.1.1.1. Imagem, sinalização e desenho da transferência de tamanho e forma (TTF)

Como vimos na coleta dos dados, os intérpretes teriam que ver a sinalização para posteriormente elaborarem um desenho. Algo interessante ocorreu com o intérprete A, que fez o desenho que segue:

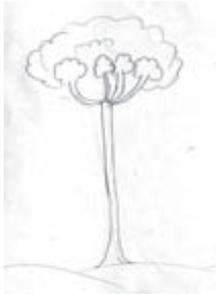
Quadro 8: Quadro comparativo da transferência de tamanho e forma (TTF)

Imagem da araucária	TTF da auracária	Desenho da araucária
		



Após a realização desta primeira transferência, partimos para a segunda, momento que o intérprete pediu para rever o vídeo da primeira transferência e refazer o desenho. Chegando assim neste paralelo:

Quadro 9: Quadro comparativo da segunda produção do intérprete A – TTF

Imagem da araucária	TTF da auracária	Desenho da araucária
		

Podemos perceber que no primeiro desenho, o intérprete A não compreendeu a descrição da copa da árvore. Por estarmos pensando numa interpretação simultânea, esse elemento seria considerado como perda. A situação não era de uma interpretação, mas era permitido ao intérprete rever quantas vezes quisesse o vídeo para depois desenhar, podemos apenas concluir que o intérprete não compreendeu no primeiro momento qual era a tipologia da árvore, no qual essa descrição se propõe, que é especificar o objeto.

Se a intenção do sinalizador fosse especificar uma determinada árvore, que neste caso é uma araucária, ele não alcançaria seu objetivo, pois o intérprete não percebeu que a iconicidade presente nesta configuração de mão remetia a uma árvore específica. Podemos perceber na produção da copa da árvore uma CM que mostrava os galhos para cima, uma das características da araucária, como vemos novamente na imagem que segue:

Figura 41: Descrição imagética da copa da árvore



A partir da copa, o surdo produziu ramos esféricos por meio da configuração de mão, uma característica peculiar dessa árvore, visualizada na imagem:

Figura 42: Descrição imagética dos ramos da copa da araucária



Numa interpretação trabalhamos com a língua em um contexto determinado. Se o sinalizador estivesse contando sua viagem para a serra ou para uma região onde se encontra com frequência esse tipo de árvore, possivelmente o intérprete buscaria o item lexical específico para esse momento. Mas o que pretendemos mostrar nesta pesquisa é que as configurações de mãos podem ser pistas de significado e sentido na sinalização como as próprias DI se propõem, em uma de suas transferências, que é o fator de especificar algum referente.

Podemos agora também abrir outra discussão relacionada à com-



petência tradutória. Na competência tradutória há também a competência referencial que segundo Aubert (1993), se refere ao desenvolvimento da habilidade de conhecer os referentes dos mais variados espaços ou discursos em que uma interpretação pode ocorrer. Exemplificando, um intérprete pode não ter competência referencial em assuntos da informática, mas pode aprender por buscar esse conhecimento de outras formas. Outro exemplo de competência referencial seria o conhecimento de regionalismos na língua de sinais ou aspectos culturais e até mesmo geográficos (como no caso da araucária). Numa situação hipotética de um surdo do sul ir palestrar no norte ou no nordeste do Brasil, local em que essa vegetação não é encontrada, provavelmente o intérprete sem esse conhecimento não encontraria o léxico correspondente para a tipologia da árvore. O intérprete não estaria errado ao optar por uma descrição oral da imagem produzida na descrição imagética pelo sinalizador, entretanto para a realização dessa descrição oral é necessário que o intérprete tenha conhecimento da iconicidade da língua de sinais presente nas CMs para assim realizá-la como descrito nas imagens anteriores referentes à copa e aos ramos da araucária.

5.1.1.2. Imagem, sinalização e desenho da transferência espacial

Quadro 10: Quadro comparativo da transferência espacial

Imagem da árvore em 3D	TE da árvore em 3D	Desenho da árvore em 3D
		



Nesta imagem podemos perceber que houve uma compreensão maior do intérprete A em relação à sinalização assistida. Lembramos que foi a partir dessa sinalização que o intérprete quis retornar para o primeiro desenho e fazer uma segunda versão. Os elementos tridimensionais da sinalização acima, principalmente da copa da árvore, pode ter sido o motivo que fez o intérprete retornar ao desenho anterior e mudar apenas a copa.

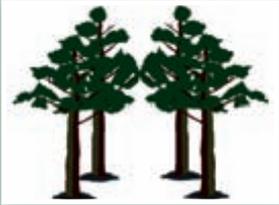
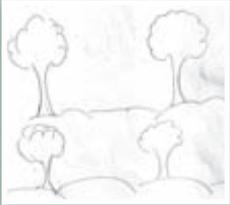
É possível notar também que houve a intenção do intérprete de colocar efeitos tridimensionais, especificamente nas folhagens da copa, que não ficaram apenas no contorno. Outro ponto interessante é a forma como a raiz da árvore está em relação ao chão e à maçã, nesses dois casos, foi possível observar a profundidade do desenho. Percebe-se também que o fator da tridimensionalidade não é composto apenas pela configuração de mão, mas por outros aspectos a ela agregados como a orientação de mão em relação ao referente construído na sinalização e também ao espaço de sinalização. Entretanto, os ramos da árvore foram feitos com a mesma CM da transferência presente na primeira, o que nos leva a compreender que uma mesma DI pode ter mais de uma transferência. Neste caso, não só o espaço tridimensional foi aplicado, como também a forma da árvore construída pela CM, havendo uma transferência de tamanho e forma (TFF) e uma transferência espacial (TE).

O desenho da TE produzido pelo intérprete A, bem como o realizado pelo intérprete B apresentaram algo interessante em relação à perspectiva da sinalização e a do desenho, por isso destinou-se um subitem específico ao final das análises para discutir a questão do espelhamento da sinalização em relação aos desenhos produzidos pelos intérpretes.



5.1.1.3. Imagem, sinalização e desenho da transferência de localização

Quadro 11: Quadro comparativo da transferência de localização – intérprete A

Imagem das 4 árvores	TL das 4 árvores	Desenho das 4 árvores
		

Esta transferência serve apenas para exemplificar a transferência de localização presente nas descrições imagéticas. A iconicidade presente na CM não foi analisada, uma vez que a mesma já está intrínseca na origem do sinal, apenas a localização das árvores é analisada neste tipo de transferência. Algo interessante que se pode notar é a perspectiva de frente e de traz, na profundidade da sinalização que foram mantidas no desenho.

5.1.1.4. Imagem, sinalização e desenho da transferência de movimento

Quadro 12: Quadro comparativo da transferência de movimento – intérprete A

Imagem da árvore com vento	TM da árvore com vento	Desenho da árvore com vento
		



Novamente, a orientação de mão (OM) e o movimento entram como sendo aspectos fundamentais nesta transferência. Por ser tratar de uma TM, o movimento seria de fato importante, mas a OM determinou o encurvamento existente na árvore. Alguns detalhes dos ramos e do tipo das folhas não foram descritas pelo sinalizador, por se tratar de uma TM, por isso o desenho da árvore foi mais padrão nos detalhes da copa e da folhagem. Importante notar que houve uma transferência de movimento no desenho pelos riscos indicando para que lado o vento soprava.

5.1.1.5. Imagem, sinalização e desenho da transferência de incorporação

Quadro 13: Quadro comparativo da transferência de incorporação – intérprete A

Imagem da árvore para incorporação	TI da árvore com incorporação	Desenho da árvore com incorporação
		

A direcionalidade das mãos não foi algo muito percebido neste desenho e no realizado pelo intérprete B, mesmo que os galhos tenham sido desenhados de forma comprida assim como na imagem. Quando se pensa numa descrição imagética, ainda mais numa transferência de incorporação, o corpo se faz mais presente para descrever algo, como se percebe na construção dos galhos da árvore juntamente com os braços. Outro aspecto que se pode destacar, é que na sinalização em nenhum momento foi feito a copa ou os ramos da árvore, características que se fazem presentes no desenho. Portanto, concluímos que o intérprete A fez um acréscimo em seu desenho não presente na sinalização.



Isto pode ocorrer em alguma situação real quando o intérprete conclui mentalmente o desenho de uma descrição imagética, precipitando-se em adiantar detalhes ainda não mencionados pelo sinalizador.

Em suma, podemos levantar algumas questões em relação aos desenhos realizados pelo intérprete A. Primeiro que a CM desempenha um papel fundamental na compreensão das transferências, mas que os outros aspectos como movimento (M), locação (L), orientação de mão (OM) e expressão não manual (ENM) também têm uma função muito relevante na construção de sentido das descrições imagéticas. No próximo item, partiremos para as análises dos desenhos realizados pelo intérprete B.

5.1.2. Intérprete B

A seguir apresentamos as imagens, alguns recortes da sinalização realizada pelo surdo e os desenhos produzidos pelo intérprete B com algumas análises das respectivas transferências.

5.1.2.1. Imagem, sinalização e desenho da transferência de tamanho e forma

Quadro 14: Quadro comparativo da transferência de tamanho e forma – intérprete B

Imagem da araucária	TTF da araucária	Desenho da araucária
		

No desenho acima podemos ver que o intérprete compreendeu que se tratava de uma árvore comprida, provavelmente pelo detalhe do caule como se vê na imagem:



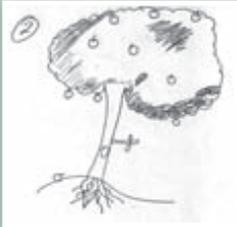
Figura 43: Sinalização do caule



Interessante perceber que possivelmente a configuração de mão utilizada na sinalização do surdo para mostrar os ramos da copa da araucária foi interpretada como sendo os frutos da árvore. A orientação de mão e o movimento entram como um aspecto importante nessa transferência, pois o fato da palma da mão estar virada para baixo e seu movimento ser de baixo para cima não poderia indicar ser uma fruta, uma vez que o fruto desenhado penderia num movimento de cima para baixo.

5.1.2.2. Imagem, sinalização e desenho da transferência espacial

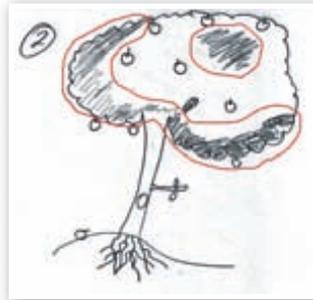
Quadro 15: Quadro comparativo da TE – intérprete B

Imagem da árvore em 3D	TE da árvore em 3D	Desenho da árvore em 3D
		



Quanto ao espelhamento do desenho, assim como mencionamos no caso do intérprete B, deixaremos uma seção apenas para isso. Mas podemos perceber alguns elementos tridimensionais quanto à forma como os elementos foram estabelecidos no espaço, como a raiz da árvore que vemos bem reproduzida em virtude da configuração de mão. Outra questão que podemos refletir, mas que não é possível afirmar em detrimento de não podermos concluir que o intérprete possui competência artística, mas algo que chamou a atenção foram as “sombras” ou os “ramos” da árvore que o intérprete produziu em seu desenho para indicar tridimensionalidade:

Quadro 16: Sombras ou ramos da árvore



5.1.2.3. Imagem, sinalização e desenho da TL

Quadro 17: Quadro comparativo da transferência de localização – intérprete B

Imagem das 4 árvores	TL das 4 árvores	Desenho das 4 árvores
		



Da mesma forma como no caso do intérprete A, esta transferência serviu apenas para exemplificar a transferência de localização presente nas descrições imagéticas. A iconicidade presente na configuração de mão não foi analisada, apenas a localização das árvores é analisada neste tipo de transferência, neste caso o intérprete B também apresentou em seu desenho a perspectiva de frente e traz na profundidade da sinalização.

5.1.2.4. Imagem, sinalização e desenho da transferência de movimento

Quadro 18: Quadro comparativo de transferência de movimento – intérprete B

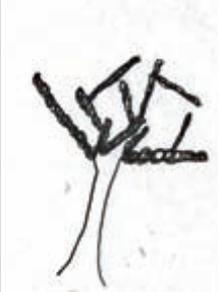
Imagem da árvore com vento	TM da árvore com vento	Desenho da árvore com vento
		

Mesmo que não seja diretamente relacionado à percepção visual da sinalização, é interessante notar que o intérprete fez no desenho o vento para um lado e as folhas caindo para o lado contrário ao que o vento sopra. Sendo uma descrição imagética de transferência de movimento, compreende-se que houve a tentativa de mostrar o movimento que o vento faz na árvore, mas no vídeo, assim como na imagem há um encurvamento da árvore não presente no desenho. Não poderíamos analisar aqui a iconicidade da CM, uma vez que o parâmetro alterado aqui foi a orientação de mão, a mão saiu de uma posição vertical para diagonal, entretanto podemos afirmar que não foi percebido o movimento altamente icônico do encurvamento da árvore na TM.



5.1.2.5. Imagem, sinalização e desenho da transferência de incorporação

Quadro 19: Quadro comparativo da transferência de incorporação – intérprete B

Imagem da árvore para incorporação	TI da árvore com incorporação	Desenho da árvore com incorporação
		

Novamente a direção das mãos em relação à sinalização não foi acompanhada pelo intérprete B. Quando se pensa numa descrição imagética, ainda mais numa transferência de incorporação o corpo se faz mais presente para descrever algo, como se percebe na construção dos galhos da árvore juntamente com os braços. Diferente do intérprete A, neste caso o intérprete não colocou os ramos da árvore, possivelmente ele não se precipitou em adiantar uma informação ainda não sinalizada. Tanto para o intérprete A e B não há muitas considerações, uma vez que o parâmetro que estamos analisando é principalmente a configuração de mão, no entanto já observamos um campo vasto de pesquisas que podem ser introduzidas explorando os demais parâmetros no momento da interpretação de uma descrição imagética para o PB.

No item que segue, analisaremos os desenhos da transferência espacial realizados por ambos os intérpretes, explorando a questão da perspectiva da sinalização.



5.1.3. Espelhamento do desenho

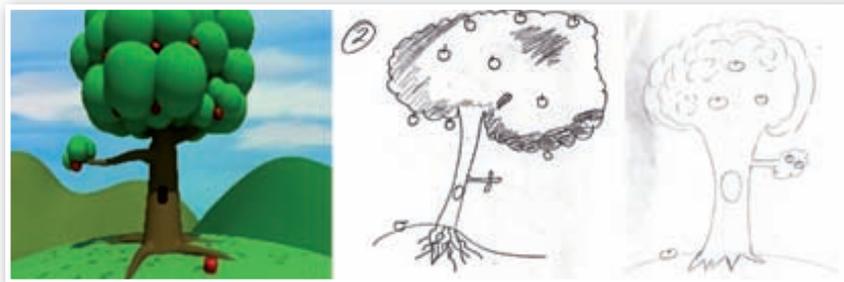
Uma questão pouco discutida na literatura é a perspectiva da sinalização frente ao intérprete. Percebeu-se, primeiramente que no momento da descrição imagética, o sinalizador a fez na perspectiva de quem via a imagem a sua frente:

Figura 44: Comparação entre imagem e DI



Entretanto, logo em seguida, vemos os desenhos dos intérpretes mostrando outra perspectiva de visão frente à sinalização:

Figura 45: Comparação entre a imagem e os desenhos produzidos pelos intérpretes



Esta questão é bem complexa quando se trata da interpretação de língua de sinais, pois equívocos na informação podem ocorrer quando falamos da direção do sinal em relação à perspectiva. Podemos refletir algumas questões como, se o intérprete deve descrever oralmente a



partir de sua visão da sinalização ou se ele deve se colocar na perspectiva do sinalizador e assim fazer a descrição. No caso do desenho, como é possível ver na sinalização, o surdo fez em sua perspectiva de visão com se estivesse vendo o desenho em sua frente.

O espaço sintático ou topográfico na língua de sinais se refere ao mapeamento espacial, isto é, o espaço no qual os sinais são realizados, podendo ser para descrever o traçado de um objeto ou um sujeito no espaço (QUADROS & PIMENTA, 2009). Algo interessante em relação ao espelhamento é que não há uma regra para canhotos ou destros sinalizarem, ambos devem fazê-la no lado que acharem mais conveniente, desde que mantenham em si mesmos esse padrão. Contudo, quando os referentes são estabelecidos no espaço previamente, por meio de um apontamento, por exemplo, onde o sujeito está ou estava presente, não é possível fazer esse espelhamento, deve-se apontar exatamente para onde ele está ou estava.

Para que possamos compreender como essa informação afeta diretamente a compreensão de quem vê a sinalização e onde os equívocos podem ocorrer, pensemos numa prova de autoescola (centro de formação de condutores). Na imagem abaixo, apresenta-se a sinalização do trajeto de um carro fazendo uma curva, essas imagens se leem da direita para esquerda, para que possamos compreender a sequência:

Figura 46: Carro virando à direita



Na perspectiva de quem está sinalizando a imagem, o carro está indo para a direita e na perspectiva de quem está vendo a sinalização, o



carro está indo para esquerda, se quem está vendo não se colocar no lugar do sinalizador pode compreender essa informação de maneira equivocada.

Outro exemplo, que não seria muito comum, porque num contexto hospitalar provavelmente o surdo apontará para onde sente a dor, mas que pode nos ajudar a compreender equívocos possíveis numa interpretação por causa do espelhamento. Imaginemos que o surdo use uma descrição imagética para apontar qual perna está doendo e aponte para a perna direita, que para quem está vendo, um possível intérprete, diga que se trata da perna esquerda.

Figura 47: DI – pernas de pessoa



Como os dados mostraram, mas que, no entanto não nos permite generalizar que todos os intérpretes façam esse espelhamento, podemos concluir que essas ocorrências apareçam em alguns casos. Nesse sentido, uma reflexão que podemos fazer é que os intérpretes ao realizarem uma interpretação de Libras para PB, num momento de DI, a façam a partir da perspectiva de visão do surdo e não de sua própria, para evitar possíveis equívocos.



5.2. ANÁLISE DAS INTERPRETAÇÕES

Conforme se apresentou na metodologia, havia quatro DI principais na história em Libras, que seriam as descrições imagéticas de diferentes tipos ou raças de gatos que podemos lembrar:

Quadro 20: História em Libras com tipos ou raças de gatos³¹



Sinalização da história



Imagem a ser descrita



Sinalização da história



Imagem a ser descrita

³¹ Sinalização na íntegra no *link*: <http://www.youtube.com/watch?v=Qw8wE95dV04&feature=youtu.be>.



Sinalização da história



Imagem a ser descrita



Sinalização da história



Imagem a ser descrita

Assim, a partir deste quadro podemos fazer um paralelo do que o surdo sinalizou e as interpretações realizadas.

5.2.1. Análise da primeira descrição imagética

Primeiramente, relembramos que os intérpretes em língua de sinais assistiram ao vídeo duas vezes e a interpretação foi realizada apenas na segunda vez, podendo ter um contato prévio, embora rápido, do assunto a ser interpretado. As análises foram realizadas a partir da recorrência de duas formas de interpretação das descrições imagéti-



cas. A primeira forma é a descrição oral da imagem, isto é, o intérprete descrevia oralmente toda a imagem quando não encontrava um item lexical específico para descrevê-la, por exemplo, no caso da araucária em que o surdo fez a DI, o intérprete poderia dizer algo como: *há uma árvore de tronco fino e comprido, sua copa possui galhos com ramos de folhas arredondados nas pontas*. Essa seria uma forma de descrição oral da DI e/ou o intérprete poderia optar por simplesmente após ver a DI usar o item lexical específico para traduzi-la que seria o nome da árvore, *araucária*. No quadro abaixo, apresenta-se as produções dos dois intérpretes da história (gatos) assistida:

Libras	Intérprete A	Intérprete B
<p>IX(lá) EGITO PIRÂMIDE TER GATOS2 DV(agachados aos dois lados da entrada da pirâmide) IX(gato)+ TAMBÉM ORELHAS DV (pontudas-altas) DV (colar-grosso) BRINCO DV (argola-grande) RABO DV(rabo-em-volta-do-corpo)</p>	<p>Ao lado de uma pirâmide tem a estatua de dois gatos enormes com orelhas pontiagudas, com brincos e colares enormes, brincos de argolas enormes com o rabo virado para frente.</p>	<p>Apenas contando uma história no Egito antigo na entrada das pirâmides existem dois gatos, eles são representados ali claro de maneira figurativa. Eles têm, usam duas argolas bem grande como se eles estivessem numa representação ali como protetores [...]</p>

Partindo para as análises, podemos inicialmente dizer, mesmo que não seja o objeto desse estudo, que o intérprete A não identificou a localização exata dos gatos em relação à pirâmide enquanto que o intérprete B fez essa identificação que seria ao lado e não em frente à pirâmide. Pode parecer apenas um detalhe, contudo há uma grande diferença em alguns casos estar à entrada e estar ao lado, podendo comprometer alguma informação em que a direção seja importante.



Percebe-se neste recorte da transcrição da sinalização que há cinco transferências presentes nesta primeira DI³². A primeira é uma transferência de incorporação (TI), quando o sinalizador incorpora a forma como os gatos estavam ao lado da pirâmide, que seriam “agachados aos dois lados da entrada da pirâmide”.

Figura 48: Descrição imagética de gatos agachados



Esta transferência de incorporação foi omitida pelos dois intérpretes. Já na segunda transferência, que se trata de uma transferência de tamanho e forma (TTF), o intérprete A fez uso de uma descrição oral com um adjetivo para orelha dizendo que eram orelhas “pontigudas”.

Figura 49: Descrição imagética de orelhas



³² A forma de notação que apresentamos nas glosas das transcrições seguem uma convenção dos países participantes do projeto BiBiBi. Quando aparecem as descrições imagéticas (DI) na sinalização notou-se como DV. Esta terminologia foi adotada por *Liddell & Johnson* (1989) para se referir ao que podemos traduzir para o português como sendo verbos descritivos.



Esta informação em relação à descrição da orelha dos gatos não foi encontrada no intérprete B, podendo assim ser considerada uma omissão, ou seja, a sinalização não foi interpretada.

A terceira e quarta transferência foram analisadas juntamente. Nelas, o sinalizador mostrou que o colar usado pelo gato era grosso e o brinco era uma argola grande, ambas se tratavam de uma transferência de tamanho e forma também.

Figura 50: Descrição imagética de colar e brinco



O intérprete A encontrou itens lexicais para “colares” e “brincos” e fez menção em sua descrição ao tamanho de tais elementos ao dizer que eram “enormes”. Na quarta transferência, o intérprete A ainda identificou a forma de tais objetos por falar que eram “argolas”, fazendo uso de um item lexical específico para o formato dos brincos. O intérprete B fez a descrição da forma por citar que eram “argolas” e do tamanho por dizer que eram “bem grandes”, se valendo de itens lexicais específicos e descrição oral, respectivamente.

Na quinta transferência apresentada neste recorte da interpretação, o sinalizador mostrava a forma como o rabo do gato estava em volta de seu corpo e o intérprete A descreveu como o rabo estando “virado pra frente”. O intérprete B omitiu tal informação.



Figura 51: Descrição imagética do rabo do gato



Com o objetivo de visualizarmos as omissões e interpretações das transferências nas descrições imagéticas, segue abaixo a tabela de omissões e interpretações desta DI:

Tabela 1: Omissões e interpretações da primeira DI

Transferências	Intérprete A	Intérprete B
1º Transferência	Omitiu	Omitiu
2º Transferência	Interpretou	Omitiu
3º Transferência	Interpretou	Interpretou
4º Transferência	Interpretou	Omitiu
5º Transferência	Interpretou	Omitiu

5.2.2. Análise da segunda descrição imagética

Percebe-se, primeiramente, que as transferências presentes na sinalização desta descrição eram bem repetidas, por isso pudemos observar mais omissões, por provavelmente os intérpretes acreditarem que a informação já havia sido dita anteriormente. Nesta descrição imagética, encontramos nove transferências.

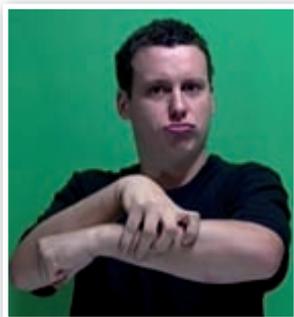


Libras	Intérprete A	Intérprete B
<p>GATO DV(colocar o gato sobre o braço) TAMBÉM DV(gato braços cruzados sobre o braço da mulher) SOBRE DV(carinho no gato) GRUPO METIDO RICO IX (grupo) ENTÃO IX(gato no braço) COMO DV(passar a mão sobre o gato) IX(gato) SER MULHER GATO DV(orelhas com pelos espetados e pontudas) CORPO BRANCO FORTE RABO DV(pelos do rabo compridos) RABO DV(balançando o rabo com os pelos compridos) CORPO DV(muitos pelos compridos) DV(gato sentando sobre o braço da mulher recebendo carinho) RICA METIDA IX (gato no braço)</p>	<p>E ficava com o gato agarrado em seu braço e o tempo todo ela acariciava. Era uma pessoa muito rica muito, muito conhecida o gato era fêmea com as orelhinhas bem finas, o corpo todo branco o rabo todo peludo. Por onde andava a cauda chamava muito atenção, muito peludo por onde ela fosse ela levava esse gato no seu braço.</p>	<p>[...] e no seu braço esquerdo ela tinha, ela foi com um gato. Ele estava bem calmo no braço dela e ela fazia vários carinhos nesse gato, afeto, afago nele. E esse gato ele tava bem despontado ele tinha uma pelagem bem grande, bem robusta, o rabo dele era bem grosso e por vários momentos no evento ele ficava, essa cauda ficava se mexendo e ele bem calmo no braço esquerdo e ela fazia afagos nele né.</p>



Na primeira vemos uma TI quando foi sinalizado que a mulher colocou o gato sobre o braço, o intérprete A utilizou o item lexical “agarrado” enquanto o intérprete B omitiu essa informação. Em seguida, vemos o momento em que foi sinalizado que o gato ficava sobre o braço da mulher, incorporando as patas do felino:

Figura 52: Descrição imagética – gato agarrado



Provavelmente, a forma como a configuração de mão está no braço do sinalizador pode indicar que o gato estava agarrado, no entanto a história mostra apenas que o felino ficava sobre o braço.

Na segunda transferência, ambos os intérprete omitiram quando foi sinalizada uma transferência de incorporação em que o gato estava com os “braços cruzados sobre o braço da mulher”.

Figura 53: Descrição imagética – gato de braços cruzados





A terceira e quarta transferências foram analisadas juntas por acreditarmos que é uma informação repetida e que, em virtude disso, provavelmente os intérpretes não a repetiram. Na terceira transferência foi sinalizado “carinho no gato” e na quarta “passar a mão sobre o gato” em um movimento semelhante a este:

Figura 54: Descrição imagética – carinho no gato



Poderíamos dizer que se trata de uma TM, pelo movimento apresentado no sinal, mas se assim fosse seria um sinal simples, mas podemos acrescentar então que se aplica também a uma TTF, por mostrar no movimento a forma do gato no braço. Para ambas as transferências, a intérprete A apresentou o item lexical “acariciava” e o intérprete B “calmo”, e posteriormente outros itens como “vários carinhos nesse gato, afeto, afago nele”, essa repetição aparenta que o intérprete estava procurando um item lexical mais específico para a transferência.

Partindo para a quinta transferência, que mostra a forma das orelhas do gato sendo assim um TTF, em que foi sinalizado “orelhas com pelos espetados e pontudos” o intérprete A interpretou como “orelhinhas bem finas” enquanto o intérprete B omitiu.



Figura 55: Descrição imagética – orelhas com pelos espetados e pontudos



Na sexta transferência quando foi sinalizado “pelos do rabo compridos”, o intérprete A interpretou como “rabo todo peludo” e o intérprete B “*o rabo dele era bem grosso*”. Nesta transferência podemos explorar a configuração de mão utilizada pelo sinalizador na construção de mais uma transferência de tamanho e forma como se vê na imagem que segue:

Figura 56: Descrição imagética – pelos do rabo compridos



Interessante notar a escolha dos dois intérpretes. O primeiro percebeu nesta configuração de mão que havia a indicação de que o gato tinha um rabo todo “peludo” enquanto o intérprete B compreendeu como um rabo “grosso”. Há algumas discussões que podemos tecer, sendo uma delas o vocabulário de cada intérprete, claro que não podemos dizer qual foi a compreensão de cada intérprete frente à sina-



lização e que ambos podem ter feito a mesma representação mental do que viram na sinalização. Mas, mediante ao paralelo percebemos que o que mais se aproxima da sinalização em virtude da configuração de mão seria o item lexical “peludo”.

Na sétima transferência, o que se apresenta como uma transferência de incorporação foi sinalizada “balançando o rabo com os pelos compridos e arrepiados”, a intérprete A falou “a cauda chamava muito atenção” enquanto o intérprete B disse que a “cauda ficava se mexendo”. Na oitava transferência, acreditamos ser uma informação repetida por estar inclusa em outras transferências também, em que foi sinalizado “muitos pelos compridos”, ambos os intérprete A e B omitiram essa informação.

Por fim, quando foi sinalizado o “gato sentado sobre o braço da mulher recebendo carinho”, o intérprete A disse “gato no seu braço” e o intérprete B “ela fazia afagos nele né”. Podemos ver na imagem que segue a forma como o gato estava sentado no colo da mulher:

Figura 57: Descrição imagética – gato sentado



Logo, em seguida, a esta imagem é sinalizado que o gato estava “recebendo carinho”. Segue abaixo a tabela de omissões e interpretações da segunda descrição imagética:



Tabela 2: Omissões e interpretações da segunda DI

Transferências	Intérprete A	Intérprete B
1º Transferência	Interpretou	Omitiu
2º Transferência	Omitiu	Omitiu
3º Transferência	Interpretou	Interpretou
4º Transferência	Interpretou	Interpretou
5º Transferência	Interpretou	Omitiu
6º Transferência	Interpretou	Interpretou
7º Transferência	Interpretou	Interpretou
8º Transferência	Omitiu	Omitiu
9º Transferência	Interpretou	Interpretou

5.2.3. Análise da terceira descrição imagética

Libras	Intérprete A	Intérprete B
<p>PESCOÇO MAGRO DV(orelha grossa pontuda) DV (focinho comprido) JEITO ANDAR DV(pata com garras) DIFERENTE IX(onça) MAIS FORTE IX(gato) MAGRO ANDAR DV(pata mãos-moles)</p>	<p>Por exemplo, o rosto é mais fino, o pescoço é mais fino, porém as onças são mais gordas.</p>	<p>Ele era bem maior e já o gato não, ele é bem, ele tem um corpo menor em relação à onça pintada.</p>

Na parte da sinalização em que encontramos duas transferências, foi sinalizado “orelha grossa pontuda” e “focinho comprido”:



Figura 58: Descrição imagética – orelhas e focinho



A intérprete A resumiu como “o rosto é mais fino” e o intérprete B disse que “o corpo menor”, essas duas transferências descrevem a forma das orelhas e do focinho, por isso podemos chamá-las de transferência de tamanho e forma. Ambos não descreveram as duas transferências de incorporação das patas e a forma de andar do gato. Segue a tabela de omissões e interpretações desta DI:

Tabela 3: Omissões e interpretações da terceira DI

Transferências	Intérprete A	Intérprete B
1º Transferência	Interpretou	Interpretou
2º Transferência	Interpretou	Interpretou
3º Transferência	Omitiu	Omitiu
4º Transferência	Omitiu	Omitiu



5.2.4. Análise da quarta descrição imagética

Libras	Intérprete A	Intérprete B
ENTÃO TER GATO CORPO BRANCO CORPO- TODO MAS TER DV(dedo indicador contornando a máscara do rosto) PRETO TAMBÉM DV(orelhas pontudas) PRETO PERNAS PATAS PRETO RABO IX(rabo) PRETO IX(espaco neutro) FS(pé) TAMBÉM DEDOS DV (mão direita cobre os dedos da mão esquerda mostrando a grossura dos dedos) PRETO PATAS	Por exemplo, gatos todos brancos, porém com o focinho preto. Também as orelhas pretas, as patas pretas, o rabo todo preto. Também o pezinho, a parte dos dedos, os dois dedinho da frente também pretinhos.	[...] alguns deles, é, tem uma pelagem, tem uma, uma cor diferente é colocada em relação ao rabo do animal ou até mesmo as patas dele tem características ou cores diferenciada.

Todas as transferências desta descrição imagética são transferências de tamanho e forma. Quando foi sinalizado com o “dedo indicador contornando a máscara do rosto”, a intérprete A interpretou como sendo o “focinho” do gato e o intérprete B omitiu essa informação.



Figura 59: Descrição imagética – focinho



Na segunda transferência em que foram mostradas as “orelhas pontudas” do gato, a intérprete A apenas encontrou o item lexical “orelhas” enquanto o outro intérprete não mencionou nada em relação a essa parte do corpo do animal. Na terceira transferência que mostrava a “mão direita cobre os dedos da mão esquerda mostrando a grossura dos dedos”, a intérprete A disse “os dois dedinho”, enquanto o intérprete B falou apenas a “pata”, ambos não descreveram. Abaixo, segue a tabela de omissões e interpretações da quarta descrição imagética:

Tabela 4: Omissões e interpretações da quarta DI

Transferências	Intérprete A	Intérprete B
1º Transferência	Interpretou	Omitiu
2º Transferência	Interpretou	Omitiu
3º Transferência	Interpretou	Interpretou



Os dados mostram claramente que há um número significativo de omissões nas descrições imagéticas quando interpretadas para o PB. Há alguns fatores que podem determinar isso, como já discutimos anteriormente, sendo um dos motivos a repetição de informações, sendo provavelmente julgado pelo intérprete como não sendo necessário descrevê-las novamente. Outra questão é o fator tempo, que nos faz se a sinalização não estava rápida demais e tão cheia de detalhes que não caberia em uma interpretação simultânea? Será que nesse caso a tradução, com mais tempo de análises e retomadas no “texto” não diminuiria a quantidade de omissões? Podemos acreditar que a resposta para essas duas perguntas seria sim, mas também cogitamos a hipótese de que um estudo detalhado da iconicidade presente nas descrições imagéticas e mais precisamente das configurações de mãos, permitiria diminuir o número de omissões presentes nas interpretações.

Pode-se levantar a questão da formação dos tradutores/intérpretes de Libras/português (TILSP) ser algo recente, através do Decreto 5.626/2005, que regulamenta a Lei 10.436/2002. O decreto institui a formação dos TILSP em curso superior com habilitação em Libras e português. Um curso precursor é o letras-Libras, oferecido pela primeira vez com habilitação em bacharelado em 2008. No currículo deste curso, há algumas disciplinas de estudos linguísticos das línguas orais e sinalizadas que trabalham superficialmente a iconicidade presentes nas línguas. Percebe-se a necessidade de uma discussão em relação às especificidades inerentes a modalidade espaço-visual das línguas de sinais que transfere características imagéticas em sua produção. Assim, uma disciplina de iconicidade das línguas de sinais aplicada à interpretação de Libras/português seria relevante na formação de TILS. Nesta disciplina, poderia ser explorado o sentindo recorrente na configuração de mão e um estudo terminológico em português para ampliar o repertório de descrição imagética dos TILS.

Algo que notamos com os dados é que o número maior de omissões encontra-se na transferência de incorporação, onde os intérpretes ti-



nham muitas vezes que perceber a incorporação de partes dos corpos dos gatos, como as patas e a postura corporal que muitos tinham. A maioria das interpretações das transferências foram interpretadas com adjetivos em um discurso mais indireto, enquanto que as trocas de papéis no discurso em língua de sinais foram em sua maioria apagadas, principalmente as incorporações, algo muito presente nas línguas de sinais.

Esse fato nos chama atenção a uma forma comum de interpretar que preserva demasiadamente o texto alvo, deixando as características do texto fonte apagadas, por não caberem numa “estrutura sintática formal” de um português “bem falado”. Queremos abrir um parêntese para também explicitar as questões de formalidade e informalidade presentes na língua de sinais que se flexibilizam de acordo com os contextos discursivos. Nossa discussão, aqui, se pauta principalmente em não negar aos “leitores” interessados nos discursos em língua de sinais suas características intrinsecamente visuais.

Fechamos essa discussão refletindo as questões sobre tradução trazidas por Rónai (1976) ao diferenciar a tradução como sendo *naturalizadora* ou *identificadora*. Quanto à primeira, Rónai (1976) diz que ela *conduz uma obra estrangeira para outro ambiente linguístico, adaptando ao máximo aos costumes do novo meio, retira-lhe as características exóticas, faz esquecer que reflete uma realidade longínqua, essencialmente diversa*. Claro que Rónai (1976) se referia à tradução e não a interpretação quando fez essa discussão, entretanto ela contribui em muito para nossa reflexão quando pensamos nas interpretações de DI. Será que alguns intérpretes optam consciente ou inconscientemente por retirar alguns aspectos da visualidade da língua de sinais por acreditarem serem “exóticas”? Será que julgam que certas informações não devem ser ditas por “doerem nos ouvidos” dos leigos em língua de sinais?

A escolha dependerá de cada tradutor/intérprete quanto ao tipo de tradução/interpretação que optará. Entretanto encerramos as análises apresentando a *tradução identificadora* descrita por Rónai (1976) para reflexão a todos tradutores/intérpretes de língua de sinais,



principalmente na modalidade em que se trabalha com a Libras para o português brasileiro. Rónai (1976) menciona que a tradução identificadora é a que [...] *conduz o leitor para o país da obra que lê significa, e mantém cuidadosamente o que essa tem de estranho, de genuíno, e acentuar a cada instante a sua origem alienígena.*

CAPÍTULO 6

Considerações finais

Marcos Luchi

Sabe-se que há vários fatores que determinam uma interpretação, como o contexto e o conhecimento prévio dos intérpretes e por isso não se pode propor um modelo único de interpretação de descrição imagética para o português brasileiro. Entretanto, a partir dos dados coletados, podemos perceber duas formas principais de fazer essa interpretação: encontro dos itens lexicais específicos para a sinalização ou através da descrição oral.

Nos casos de interpretação de DI, há uma peculiaridade ainda maior. Nem sempre a intenção do sinalizador é especificar um determinado referente, mas realmente descrever algum objeto, lugar ou espaço. Assim, uma interpretação mais descritiva com um número menor de itens lexicais especificadores não pode ser vista como de menos qualidade, uma vez que se tem que pensar no objetivo da interpretação, que pode ser de aproximar o receptor da informação à cultura do “texto” fonte.

Espera-se também que esta pesquisa venha abrir um campo novo de investigações, se apropriando dos estudos da iconicidade aplicado à interpretação, aliando os estudos linguísticos aos estudos da tradução/ interpretação.



Por fim, concluímos este estudo respondendo a pergunta tema deste trabalho *Interpretação de descrições imagéticas: onde está o léxico?*. Podemos dizer que mediante a riqueza e complexidade presentes nas línguas de sinais não é tão fácil assim determinar seus itens lexicais. Fatores visuais/imagéticos presentes, talvez, apenas em línguas de sinais mostram uma demanda de formação específica para os intérpretes em língua de sinais. Os dados mostram que as interpretações de DI não são tão simples, mediante as omissões encontradas na pesquisa. Por fim, deixamos um apelo a todos os pesquisadores de línguas de sinais que não analisem esta língua segundo os padrões das línguas orais o que pode acarretar no apagamento de sua visualidade.

Dessa forma, abre-se aos intérpretes juntamente com a comunidade surda uma discussão em relação à forma de interpretação desejada. Deixa-se o seguinte questionamento: que aspectos linguístico-culturais da visualidade dos surdos devem/podem ser passadas para as pessoas leigas, que não têm domínio/fluência e desconhecem totalmente a cultura surda? Com certeza, algumas questões foram respondidas nesta pesquisa, mas muitas outras suscitam discussões futuras.

Referências

ARONOFF, M. et al. **Classifier constructions and morphology in two sign languages**. In: EMMOREY, K. (Ed.) Perspectives on classifier constructions in sign languages. Mahwah, NJ and London: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.

AUBERT, F. H. **As (in) fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor**. Campinas: Unicamp, 1994.

BERNARDINO, E. **A construção da referência por surdos na Libras e no português escrito: a lógica no absurdo**. Dissertação de mestrado em linguística. Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte: UFMG, 1999.

BERNARDINO, E. **The acquisition of classifiers in Verbs of Motion and Verbs of Location in Brazilian Sign Language**. Tese de doutorado em linguística aplicada. Graduate School of Arts and Science. Boston: Boston University, 2006.

BLOOMFIELD, L. **Language**. Nova Iorque. Holt, Rinehart and Winston, 1933.

BULWER, J. **Chirologia or the Natural Language of the Hand**, 1644.

CAMPELLO, A. R. **Pedagogia visual/sinal na educação de surdos**. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Org.) Estudos surdos II. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2007.

_____. **Pedagogia Visual na Educação dos Surdos**. 2008. Tese doutorado – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008

COSTA, V. H. S. **Iconicidade e Produtividade na Língua Brasileira**



de Sinais: A Dupla Articulação da Linguagem em Perspectiva. Dissertação de mestrado em linguística. UFSC: Florianópolis, 2012.

CUXAC, C. **Fonctions de l'iconicité.** In: La Psychologie de l'enfant Sourd, Benoît Virole, Paris: Edilob, 1996.

DUBOIS, J. *et all.* **Dicionário de Linguística.** São Paulo: Cultrix, 1993.

EMMOREY, K. & HERZIG, M. **Categorical Versus Gradient Properties of Classifier Constructions.** In ASL. In: Karen Emmorey (Ed.) Perspectives on Classifier Constructions in Sign Languages. Mahwah, NJ and London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2003.

EMMOREY, K. **Language, Cognition, and the Brain – Insights from Sign Language Research.** Mahwah, NJ and London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2002.

FAULSTICH, E. **Modalidade oral-auditiva versus modalidade viso-espacial sob a perspectiva de dicionários na área da surdez.** In: LIMA-SALLES, Heloisa Maria Moreira (org). Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais. Goiânia: Cãnone, 2007

FELIPE, T. **Sistema de flexão verbal na Libras: os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero.** In: Congresso Internacional do INES, 2002, Rio de Janeiro. Anais, V.1, 2002.

FERNANDES, S.; STROBEL, K. L. **Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais.** Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Departamento de Educação Especial. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

FERREIRA-BRITO, L. **Língua brasileira de sinais.** Brasília: MEC-SEESP, 1997.



_____. **Por uma gramática de línguas de sinais.** Rio de Janeiro, RJ: Tempo brasileiro, 2010.

GRINEVALD, C. **A morphosyntactic typology of classifiers.** In: Gunter Senft (Ed.) *System of Nominal Classification*, p. 50-92. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

GRINEVALD, C. **Classifier systems in the context of a typology of nominal classification.** In: EMMOREY, K. (Ed.) *Perspectives on classifier constructions in sign languages.* Mahwah, NJ and London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2003.

HOFFMEISTER, R. *et al.* **American Sign Language Assessment Instrument: ASLAI.** Unpublished paper. Center for the Study of Communication and the Deaf, Boston University, Boston, MA, 1990.

HOFFMEISTER, R. *et al.* **Evaluating American Sign Language in Deaf Children: ASL Influences on Reading with a Focus on Classifiers, Plurals, Verbs of Motion and Location.** Paper presented at the Annual Conference of Educators of the Deaf, Hartford, CT, 1997.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação.** Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 8ª ed. São Paulo: Cutrix, 1975.

KLIMA, E. & BELLUGI, U. **The signs of language.** Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1979.

LIDDELL, S. K. & JOHNSON, R. E. **American Sign Language: The phonological base.** *Sign Language Studies*, n. 64, p. 195-277, 1989.

LIDDELL, S. **Sources of Meaning in ASL Classifier Predicates.** In: EMMOREY, K. (Ed.) *Perspectives on Classifier Constructions in Sign Languages.* Mahwah, NJ and London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2003.

LUCIANO, A. H. T. **A interpretação simultânea sob a ótica**



da linguística aplicada. Dissertação de mestrado. UNICAMP; Campinas. 2005.

MACHADO, F. M. Á. **Interpretação e tradução de LIBRAS/ português dos conceitos abstratos crítico e autonomia.** Dissertação de mestrado em letras, cultura e regionalidade. UCS: Caxias do Sul, 2012.

MAGALHÃES, JR. E. **Sua majestade, o intérprete: o fascinante mundo da tradução simultânea.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

McCLEARY, L.E.; VIOTTI; LEITE, T.A. **Descrição das línguas sinalizadas: A questão da transcrição dos dados.** Revista Alfa, v.54, n.1; UNESP, 2010.

NASCIMENTO, S. P. F. **Representações lexicais da língua de sinais brasileira. Uma proposta lexicográfica.** Tese de doutorado. Brasília: Universidade de Brasília. Instituto de letras. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, 2009.

PAGANO, A, & VASCONCELLOS M.L. **Estudos da tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990.** Revista Delta (Documentação de estudos em linguística teórica e aplicada). Vol. 19, nº spe. São Paulo, 2003.

PEIRCE, C. S. **Semiótica.** 4ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.

PIMENTA, N. **A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais.** Mestrado em estudos da tradução. UFSC: Florianópolis, 2012.

PIMENTA, N. & QUADROS, R. M. **Curso de LIBRAS II.** Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2009.

PIMENTA, N. *et al.* **Configurações de Mãos em LSB.** Pôster tamanho



A4, papel sulfite 90g plastificado. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006.

PIZZUTO, E; ROSSINI, P.; SALLANDRE, M.; WILKINSON, E. **Dêixis, anáfora e estruturas altamente icônicas**: evidências interlinguísticas nas línguas de sinais americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS). In: QUADROS, R.M; VASCONCELLOS, M.L.B (org) **Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais**, Florianópolis, Brasil, Dezembro, 2006. Editora Arara Azul. Petrópolis/RJ. Brasil.

QUADROS, R. & KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. & SOUZA, S. X. **Aspectos da tradução/encenação na língua de sinais brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso letras-Libras**. In: QUADROS, R. M. (org.). **Estudos surdos III. Série pesquisas**. Petrópolis, RJ: Arara-Azul, 2008.

RIGO, N. S. **Tradução comentada: traduzibilidade poética na interface libras – português**: aspectos linguísticos e tradutórios com base em “Bandeira Brasileira” de Pimenta (1999) de Saulo Xavier de Souza. Trabalho de conclusão de curso em letras-LIBRAS. UFSC: Florianópolis. 2012.

RÓNAI, P. **A tradução vivida**. Rio de Janeiro: EDUCOM, 1976.

SANDLER, W. & LILLO-MARTIN, D. **Sign Language & Linguistic Universals**. Cambridge University Press, 2006.

SANTOS, S. A. **A tradução/interpretação de língua de sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010**. In: III Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de LIBRAS e Língua Portuguesa. Florianópolis. Anais, V.1, 2012.

SOUZA, X. S. **Performances de tradução para a língua brasileira de**



sinais observadas no curso de letras-LIBRAS. Mestrado em estudos da tradução. UFSC: Florianópolis, 2010.

SCHEMBRI, A. **Rethinking “Classifiers” in Signed Languages.** In: EMMOREY, K. (Ed.) *Perspectives on Classifier Constructions in Sign Languages*, (p. 3-34). Mahwah, NJ and London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2003.

SEGALA, R. R. **Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: português brasileiro escrito para língua brasileira de sinais.** Dissertação de Mestrado em Estudos da Tradução. UFSC: Florianópolis, 2010.

SELLTIZ, C.; WRIGHSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa nas relações sociais.** São Paulo: Edusp/EPU, 1990.

SOUZA, S. X. **A norma surda de tradução em ambientes virtuais de ensino e aprendizagem: o caso do curso de letras-LIBRAS da UFSC.** In: III Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de LIBRAS e Língua Portuguesa. Florianópolis. Anais, V.1, 2012.

STOKOE, W. C., CASTERLINE, D., CRONENBERG, C. **A dictionary of American sign language on linguistic principles.** Washington, DC: Gallaudet College Press. 1965.

STOKOE, W. **Sign language diglossia.** *Studies in Linguistics*. 1969.

STROBEL, K. L; FERNANDES, S. **Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais.** Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

SUPALLA, T. **Structure and acquisition of verbs of motion and location in American Sign Language.** Unpublished doctoral dissertation. San Diego: University of California, 1982.

SUPALLA, T. **The classifier system in American Sign Language.** In C. Craig (ed.) *Noun classification and categorization*, pp. 181-214.



Philadelphia: Benjamin, 1986.

TANYA, A. F. S. & MYRNA, S. M. **Libras em contexto: curso básico: livro do professor**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 6ª. Edição 2006.

VASCONCELLOS, M. L. & BARTHOLAMEI, L. A. “**Introdução aos estudos da tradução**”, Material didático do curso de Letras LIBRAS a distancia. UFSC: Florianópolis. 2008.

WILLIAMS, J. & CHESTERMAN, A. **The Map. A Begginer’s Guide to Doing Research in Translation Studies**. Manchester, UK: St. Jerome, 2002. Tradução de Mauri Furlan & Gustavo Althoff.



DIOESC

DIRETORIA DA IMPRENSA OFICIAL
E EDITORA DE SANTA CATARINA
IMPRENSA OFICIAL E ARQUIVO PÚBLICO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

ESTADO DE SANTA CATARINA

Secretaria de Estado da Administração

Diretoria da Imprensa Oficial e Editora de Santa Catarina

Rua Duque de Caxias | 261

Saco dos Limões | Florianópolis | SC

CEP 88045-250 | Fone: (48)3665-6200

ADP-98189 | OP 9163